



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE – PB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LINGUA PORTUGUESA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

GABRIELLY DE MELO CUNHA SODRÉ

**GÊNEROS ORAIS E LETRAMENTOS: A MESA-REDONDA COMO
OBJETO DE ENSINO**

**CAMPINA GRANDE - PB
2016**

GABRIELLY DE MELO CUNHA SODRÉ

**GÊNEROS ORAIS E LETRAMENTOS: A MESA-REDONDA COMO
OBJETO DE ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, como parte das exigências para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Área de Concentração: Ensino

Orientadora: Profa. Ms. Paloma Sabata Lopes da Silva

**CAMPINA GRANDE - PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S679g Sodré, Gabrielly de Melo Cunha
Gêneros orais e letramentos [manuscrito] : a mesa-redonda
como objeto de ensino / Gabrielly de Melo Cunha Sodré. - 2016.
73 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Ma. Paloma Sabata Lopes da Silva,
Departamento de Letras e Artes".

1. Letramento 2. Gêneros Oraís 3. Processo Ensino-
Aprendizagem I. Título.

21. ed. CDD 372.62

GABRIELLY DE MELO CUNHA SODRÉ

**GÊNEROS ORAIS E LETRAMENTOS: A MESA-REDONDA COMO
OBJETO DE ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Licenciatura em Letras da Universidade
Estadual da Paraíba como parte das
exigências para obtenção do título de
Licenciado em Letras.

Aprovada em: 23/05/2016.

BANCA EXAMINADORA

Paloma Sabata Lopes da Silva
Prof. Ms. Paloma Sabata Lopes da Silva (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Clara Regina Rodrigues de Sousa
Profa. Ms. Clara Regina Rodrigues de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

João Paulo dos Santos de Andrade
Prof. Ms. João Paulo dos Santos de Andrade
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, por sua infinita misericórdia
e amor por mim.

E, aos meus pais, por todo esforço
e dedicação durante todos esses anos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado forças para chegar até aqui, fonte de toda misericórdia e bondade.

Aos meus pais, Marcos e Irani, por sempre acreditarem no meu potencial e por nunca deixar que eu desistisse, e, acima de tudo, por transmitir os primeiros alicerces em minha caminhada.

Aos meus irmãos, Gustavo e Gabriel, pela convivência e pelo carinho fraterno.

Aos meus familiares, que sempre me apoiaram e sempre me impulsionaram para que eu trilhasse os caminhos escolhidos até aqui.

Aos meus irmãos da Crisma e do EJC, que sempre compreenderam a minha ausência em função da pesquisa, mas que sempre estiveram comigo em meu coração e em minhas orações.

À minha orientadora, Prof^a Ms. Paloma Sabata Lopes da Silva, por suas observações, confiança e, principalmente, dedicação a todos os momentos em que a recorria, demonstrando sempre tamanha competência em tudo que se propõe a fazer.

Aos meus colegas de sala, Eloiza, Jayne, Raabe, Hilderlan e Jhonata, por sempre me incentivarem e por toda a parceria durante os quatro anos de graduação. Sem vocês o meu caminho não seria o mesmo.

À minha amiga querida, Jessica Layane, por todos os conselhos e incentivos, pela amizade constante e por sempre estar ao meu lado em todos os momentos.

E a todos os professores que contribuíram para a minha formação inicial, vocês, sem dúvidas, foram extremamente importantes para que eu pudesse chegar até aqui!

RESUMO

O estudo/ensino dos gêneros orais promove um tratamento inovador do processo de ensino e de aprendizagem, que conduz os alunos à mobilização de práticas de letramentos. O objetivo geral deste trabalho é mapear atividades de letramento e práticas letradas mobilizadas no estudo/ensino do gênero mesa-redonda. Os objetivos específicos são descrever a produção final do gênero mesa-redonda de um grupo de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II; identificar a contribuição do gênero mesa-redonda para o letramento do alunado; propor um Projeto de Letramento para o estudo/ensino do gênero em foco. Para o embasamento teórico, utilizamos: no tocante ao estudo e ensino dos gêneros orais, Dolz e Schneuwly (2004), Marcuschi (2008), Antunes (2003) Araújo e Silva (2014) e no tocante à teoria sobre letramento, Koch (2003); Rojo (2009) e Kleiman (2001). Esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa-ação, qualitativa, situada na perspectiva da Linguística Aplicada, em que a pesquisadora foi professora da turma em uma escola pública da Cidade de Campina Grande, Paraíba, por um período de tempo determinado. Durante o processo de ensino-aprendizagem, os alunos apresentaram dificuldades em compreender o gênero oral mesa-redonda, bem como resistência em realizá-lo. Além disso, a falta de recursos tecnológicos na escola, bem como nas salas de aula, não permitiu que o nosso trabalho fosse executado como esperávamos. Portanto, é preciso planejar e executar aulas que envolvam os diversos gêneros textuais que circulam na sociedade, para que possamos minimizar a distância entre o ensino da oralidade e da escrita, promovendo nos alunos as práticas de letramento.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros orais. Mesa-redonda. Letramentos.

ABSTRACT

The study/teaching of oral genres promotes an innovative treatment of the teaching and learning process, leading students to the mobilization of literacies practices. The objective of this work is to map literacy activities and literacy practices mobilized in the study/education the round-table genre. The specific objectives are to describe the final production of the round-table genres of a group of students of the 9th grade of elementary school II; to identify the contribution of the round-table for genres literacy of the students; to propose a literacy project for the study/ genres education in focus. For the theoretical basis, it can be cited: in relation to the study and teaching of the oral genres, Dolz and Schneuwly (2004), Marcuschi (2008), Antunes (2003) and Araújo and Silva (2014); regarding to the theory of literacy, Koch (2003); Rojo (2009) e Kleiman (2001). This research is made based on an action research, qualitative, situated from the perspective of Applied Linguistics, in which the researcher was class teacher in a public school in the city of Campina Grande, Paraíba, for a certain period of time. During the teaching-learning process, the students had difficulties in understanding the roundtable oral genre, as well as resistance to perform it. Moreover, the lack of technological resources in the school and in classrooms led the classes to a less innovative and more traditional treatment. Therefore, it is necessary to plan and execute lessons involving the various textual genres that circulate in society, so that we can minimize the distance between the teaching of orality and writing.

KEYWORDS: Oral Genres. Round table. Literacies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema da sequência didática elaborada pela professora-pesquisadora. Erro! Indicador não definido.	
Figura 2: Produção escrita dos alunos..... Erro! Indicador não definido.	
Figura 3: Exposição do mediador Erro! Indicador não definido.	
Figura 4: Condução do moderador 1	35
Figura 5: Condução do moderador 2.....	36
Figura 6: Condução do moderador 3.....	37

LISTA DE QUADRO

Quadro 1: Questionário aplicado á professora titular.....	23
--	----

Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
2 GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS: O ENSINO VOLTADO PARA O LETRAMENTO	11
2.1. O letramento em práticas de oralidade e escrita	12
2.2 O ensino dos gêneros orais	15
2.2.1 O gênero mesa-redonda	19
3 O PERCURSO METODOLÓGICO PARA A COLETA E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS	21
3.1 Natureza dos dados da pesquisa	21
3.2 O ambiente escolar	22
3.3 Os sujeitos envolvidos no processo	22
3.4 Constituição do <i>corpus</i> de análise	24
3.5 Descrição das aulas referentes ao ensino do gênero mesa-redonda	25
4 MESA-REDONDA COMO OBJETO DE ENSINO: COMO ENSINAR E QUAIS AS SUAS LIMITAÇÕES?	29
4.1 A contribuição do gênero mesa-redonda para o letramento dos alunos	29
4.1.1 Planejamento para a produção do gênero mesa- redonda.....	30
4.1.2 A produção do gênero mesa-redonda	33
4.2 Características ensináveis e não-ensináveis do gênero mesa-redonda	40
4.3 Uma proposta de ensino: projeto de letramento envolvendo o gênero mesa-redonda	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
ANEXOS	51
ANEXO I: QUESTIONÁRIO APLICADO À PROFESSORA TITULAR	52
ANEXO II: NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DA PRODUÇÃO ORAL	55
ANEXO III: TEXTOS-BASE PARA OS ALUNOS	57
Texto 1.....	58
Texto 7.....	70
Mesa Redonda	70
Ana Lucia Santana.....	70

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, duas práticas de ensino têm sido incorporadas na escola devido aos avanços em estudos. São elas as teorias sobre oralidade e a mobilização de tecnologias como recurso facilitador da aprendizagem. Temos percebido um crescente interesse pelo estudo e ensino dos gêneros orais, desde a iniciativa pelo grupo de Genebra, com Dolz e Schneuwly (2004), até a difusão no Brasil com Marcuschi (2008), Antunes (2003) e, mais recentemente, com Araújo e Silva (2014).

Ainda assim, pode-se perceber que, na maioria dos casos, o ensino dos gêneros orais na escola não está pautado em práticas de leitura e produção, mas sim em práticas de oralização, que consiste na atitude de leitura em voz alta. Além disso, sabemos que hoje estamos emersos em um vasto mundo de tecnologia e, com isso, as mídias invadem cada vez mais a sala de aula e tornam o campo do ensino muito mais produtivo. Diante desse quadro, inserimos a seguinte questão de pesquisa: Quais procedimentos podem ser adotados para o ensino sistemático do gênero mesa-redonda?

O presente trabalho tem como **objetivo geral** mapear atividades de letramento e práticas letradas mobilizadas no estudo/ensino do gênero mesa-redonda. Como **objetivos específicos**, pretendemos: a) descrever a produção final do gênero mesa-redonda de um grupo de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II; b) identificar a contribuição do gênero mesa-redonda para o letramento do alunado; c) propor uma Sequência Didática para o estudo/ensino do gênero em foco. Nesse sentido, a nossa proposta consiste em apresentar algumas reflexões sobre como podemos abordar o gênero mesa-redonda em sala de aula, permitindo ao aluno a aquisição de letramentos.

Este trabalho é caracterizado como uma pesquisa-ação, inserida no ramo de estudos da Linguística Aplicada, em que a pesquisadora foi professora da turma do 9º ano do Ensino Fundamental II em uma escola pública da Cidade de Campina Grande, Paraíba, por um período de tempo determinado.

Além desta introdução, das considerações finais e referências, este texto apresenta três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos o percurso do letramento conforme a perspectiva dos gêneros textuais/discursivos, apresentando seu conceito e suas principais características, a partir das explanações de Antunes (2003), Koch (2003), Bakthin (2000), e Marcuschi (2008). Discutimos, também, a prática de letramento na oralidade e na escrita, apresentando uma prática voltada para a elaboração de um projeto de letramento; para tanto utilizamos Rojo (2009) e Kleiman (2000). Em seguida,

discorreremos sobre os conhecimentos adquiridos através da perspectiva linguístico-discursiva, na qual trataremos os tipos de conhecimentos e suas características. Partimos então, para a discussão dos gêneros orais, destacando a sua importante contribuição para o processo textual/discursivo dos gêneros. Para isso, nos fundamentamos em Dolz, Noverraz e Sheneuwly (2004) e Marcuschi (2005). Por fim, traçamos um perfil sobre o gênero oral em estudo (mesa-redonda), trazendo um panorama geral sobre suas características e aplicabilidades, segundo Silva (2015) e Ilbaudo (2003).

No segundo capítulo, apresentamos o gênero oral mesa-redonda, sob a perspectiva de uma sequência didática aplicada em uma escola pública da cidade de Campina Grande, trazendo o nosso olhar sobre o ensino do gênero na escola, bem como as limitações que foram encontradas ao longo da aplicação da proposta de trabalho.

No terceiro e último capítulo, dividido em três partes, descrevemos a produção final do gênero mesa-redonda como atividade final da sequência aplicada. Em seguida, apresentamos as características ensináveis e não-enšináveis do gênero oral em questão. Por fim, propomos um projeto de letramento envolvendo o gênero em foco, que pode ser aplicado em qualquer parte do território nacional.

2 GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS: O ENSINO VOLTADO PARA O LETRAMENTO

A todo momento, estamos rodeados por gêneros textuais/discursivos¹ que se configuram na produção de textos, sejam eles orais ou escritos, são eles: a notícia, o debate, a propaganda, o rótulo, os e-mails, a entrevista, o seminário e uma infinidade de tantos outros, enfim, é por meio dos gêneros que configuramos a nossa linguagem.

A cada instante as práticas sociais oferecem novas formas de interação verbal, favorecendo o surgimento de novos gêneros, ou, até mesmo, a evolução a partir de outros já existentes. Assim, afirma Bakhtin (2000, p. 279), primeiro estudioso a usar a nomenclatura,

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Com isso, os gêneros do discurso, por mais que possuam suas esferas de atividades, com o avanço dos meios de comunicação, ganham novas esferas e um novo repertório diferenciado de um para o outro, que amplia as suas configurações e modos de realização.

Para haver linguagem e, conseqüentemente, a produção de gêneros, é preciso que haja interação. Segundo Koch (2003, p. 128), “é preciso encarar a linguagem, acima de tudo, como forma de interação social. E esta é organizada através dos gêneros textuais materializados em textos”. Assim, trabalhando os gêneros em seu contexto social, percebemos a sua eficácia na transmissão da linguagem.

Dessa maneira, conforme salienta Marcuschi (2008, p. 194), sabemos que

O nosso comportamento discursivo num circo não pode ser o mesmo que numa igreja e que nossa produção textual na universidade e numa revista de variedades não será a mesma. Conseqüentemente, os domínios discursivos operam como enquadres globais de superordenação comunicativa, subordinando práticas discursivas orais e escritas que resultam nos gêneros.

¹ Optamos por tomar a nomenclatura gêneros textuais/ discursivos por entendermos a interrelação entre os conceitos e aceitá-los como complementares.

Portanto, a nossa linguagem se adequa aos diferentes âmbitos em que estamos inseridos, determinando domínios discursivos que resultam em práticas orais e escritas do gênero.

A partir dessas considerações, este capítulo tratará das práticas de letramento em textos orais e escritos, bem como para o projeto de letramento. No tópico seguinte, trazemos as considerações sobre o ensino dos gêneros orais, e teceremos reflexões sobre o estudo do gênero oral mesa-redonda.

2.1. O letramento em práticas de oralidade e escrita

Durante muito tempo a sociedade faz uso da linguagem escrita como meio de comunicação. Assim, a palavra letramento foi inserida ao nosso léxico, significando domínio competente de leitura e de escrita, em que os sujeitos fazem uso das referidas modalidades linguísticas nas práticas sociais. Segundo Soares (1998 *apud* ROJO, 2009, p.96) o letramento “Não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.” Portanto, podemos afirmar que o sujeito possui habilidades letradas se o mesmo sabe e domina a leitura e a escrita em contextos sociais de usos.

No entanto, é importante destacar que o letramento é diferente do alfabetismo. O termo alfabetismo possui um foco mais individual, pois o sujeito decodifica práticas escolares valorizadas pela leitura e escrita numa perspectiva psicológica. Já o letramento se apropria dos usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita, possuindo contextos sociais diversos (escola, trabalho, família, igreja, etc.) na perspectiva social e cultural.

Os avanços nos estudos do letramento mostram que não há uma única prática de letramento, mas “letramentos múltiplos”, conforme aponta Rojo (2009), ao situar para o letramento na escrita (associado à escola) e o letramento na oralidade (em que as crianças possuem habilidades da fala antes mesmo da alfabetização).

Dessa forma, a escola é uma das instituições responsáveis por formar indivíduos letrados. A esse tipo de prática chamamos de “letramento escolar” que visa à alfabetização e a aquisição de códigos linguísticos, sejam eles orais ou escritos. Além disso, a escola é uma facilitadora na transformação dos alunos em sujeitos letrados.

As formas linguísticas na modalidade oral e escrita estão ligadas às práticas letradas e ao uso dos gêneros. Assim como a escrita, a fala circula em esferas privadas e públicas, em diferentes situações comunicativas.

A partir do contato com práticas de letramento escolar, o sujeito começa a perceber a oralidade e a escrita como objetos significativos e aquela passa a fazer ainda mais sentido quando trata da construção conjunta do sentido de um texto escrito. A modalidade oral e escrita são, assim, complementares.

Por se tratar de duas modalidades da língua, as práticas letradas visam ao conhecimento sobre os gêneros textuais/discursivos, na qual os mais variados textos circulam na sociedade. Assim, o sujeito, ao utilizar-se da linguagem para a materialização de diversos textos que circulam na esfera social, se insere na sociedade.

De acordo com Kleiman (2000), as múltiplas práticas de letramento da vida social permitem estruturar atividades escolares voltadas para a elaboração de projetos de letramento. Esses projetos permitem um conhecimento não fragmentado, em que o currículo escolar passa a ser integrado a partir de temas e problemas emergentes.

Kleiman (2000, p. 38) desenvolveu o conceito de projetos de letramento como:

[...] um conjunto de atividades que se origina de um interesse na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão realmente lidos, em um trabalho coletivo de alunos e professor, cada um segundo a sua capacidade. O projeto de letramento é uma prática social em que a escrita é utilizada para atingir algum fim, que vai além da mera aprendizagem da escrita (a aprendizagem dos aspectos formais apenas), transformando objetivos circulares como “escrever para aprender a escrever” e “ler para aprender a ler” em ler e escrever para compreender e aprender aquilo que for relevante para o desenvolvimento e a realização do projeto.

Assim, a partir dos projetos de letramento tem-se o objetivo de apreender princípios e ressignificação do ensino da escrita, pois o processo de aprendizagem se dá por meio da colaboração e da negociação entre seus participantes.

Além disso, o projeto de letramento permite o ensino de qualquer conjunto de conteúdos porque, para ser eficiente e ter influência na prática social, tem sempre a necessidade de recorrer a conhecimentos relevantes.

Para que o projeto de letramento aconteça de maneira consistente e produtiva, é preciso ter em mente que, ao escrever ou pronunciar um texto, o autor recorre a conhecimentos armazenados na memória que estão relacionados à língua e às práticas sociais vivenciadas pelo sujeito. Esses conhecimentos são adquiridos ao longo de nossa vida, estabelecendo relação entre linguagem/ mundo/ práticas sociais. Assim, os tipos de

conhecimentos ao qual nos referimos são: conhecimento linguístico; enciclopédico; textual e interacional (KOCH e ELIAS, 2012).

De acordo com Koch e Elias (Op. Cit.), o conhecimento linguístico consiste em uma atividade que exige do escritor/falante conhecimentos da ortografia, da gramática e do léxico de sua língua, resultado de inúmeras práticas comunicativas que adquirimos enquanto sujeitos eminentemente sociais, de acordo com o ensino sistemático da escola.

Já o conhecimento enciclopédico, também chamado de conhecimento de mundo, diz respeito às coisas do mundo que estão armazenadas em nossa memória, semelhante a uma enciclopédia. Adquirimos esse tipo de conhecimento quando falamos ou lemos, ou ainda adquirimos em vivências e experiências diversas.

Sucessivamente, para mobilizar o conhecimento textual, o produtor precisa ativar “modelos” que resultam em textos, levando em consideração elementos que fazem parte de sua composição como: conteúdo, estilo, suporte de veiculação e sua função.

Por fim, temos o conhecimento interacional, relacionado aos modelos cognitivos que o produtor apresenta em práticas interacionais diversas, cultural e historicamente construídas. Ou seja, o produtor atinge o objetivo esperado pelo texto a partir de suas experiências e objetivos.

Dessa maneira, o aluno que é capaz de adquirir esses conhecimentos, estabelece, em seu domínio de fala/escrita, o letramento proposto por Kleiman (2003), na qual o aluno lê e escreve para compreender e aprender aquilo que for relevante para o seu desenvolvimento cognitivo.

Portanto, o ensino dos gêneros pode e deve gerar no aluno a aquisição de letramentos, sabendo que este possui ações de ordem comunicativa, como estratégias convencionais para atingir determinados objetivos. É o que acontece, por exemplo, com uma *receita* que orienta para a confecção de uma comida, uma *publicidade* serve para promover a venda de um produto, etc. Dessa maneira, cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação, em que todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma (MARCUSCHI, 2008).

Com isso, os alunos compreendem que os gêneros textuais/discursivos possuem uma função social, e que por meio desta função promovemos em nosso alunado a prática do letramento escolar.

Dessa maneira, o objetivo do letramento escolar é promover a aprendizagem dos aspectos sociais da língua. Assim, devemos levar em conta a prática de ensino do letramento em que os gêneros textuais devem ser ensinados na sua circulação social. Um bilhete, uma carta, uma listagem são gêneros importantes para a comunicação, mas, uma notícia de jornal, uma reportagem e um editorial também são importantes, porém menos praticados pelos indivíduos, mas lidos/ouvidos por todos. Dessa forma, cada gênero possui a sua importância no processo de ensino-aprendizagem, sendo alguns mais praticados pelos alunos e outros apenas acompanhados para distração.

Com isso, trabalhar os gêneros na escola permite que o aluno busque não somente o ato da leitura e produção escrita daqueles gêneros, nem tão somente alcance o letramento alfabético, mas consiga, por meio da autonomia que os gêneros textuais/discursivos permitem, fazer com que os alunos possam estar em contato com os letramentos.

2.2 O ensino dos gêneros orais

Há muito tempo se discute o estudo do texto oral. Sabemos que alguns gêneros orais acontecem espontaneamente, como é o caso da conversa no dia a dia, e outros requerem um planejamento prévio. Estes últimos são chamados de gêneros orais formais públicos, que, por essa razão, demandam uma atenção maior ao ser planejado e o monitoramento em sua execução.

Na educação, o ensino desses gêneros, a exemplo do debate, do seminário, da mesa-redonda, da palestra etc., requer do professor de língua portuguesa um desprendimento para a busca contínua de entender e, em seguida, tornar compreensível para os alunos.

Diante dessa consideração, Schneuwly *et.al.* (2004, p. 175) afirmam que: “O papel da escola é levar os alunos a ultrapassar as formas de produção oral cotidianas para os confrontar com outras formas mais institucionais mediadas, parcialmente reguladas por restrições exteriores.”

De acordo com os autores mencionados, os gêneros que devem ser trabalhados na escola são os formais públicos, ou seja, são aqueles em que os interlocutores constituem uma elaboração que antecede a fala, dentre eles podemos destacar: a entrevista, o debate, o seminário, a conferência etc. Com isso, esses gêneros, por

apresentarem regularidades, necessitam de um conhecimento prévio, mesmo havendo improvisações inerentes ao ato da fala.

Conforme aponta Marcuschi (1997, p. 60), a oralidade é colocada como “adequações as diferentes situações comunicativas”. Assim, o ensino da oralidade não pode ser visto isoladamente, isto é, sem relação com a escrita, pois elas mantêm entre si relações mútuas e intercambiáveis.

A oralidade, por sua vez, “seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresentam sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora” (MARCUSCHI, 2005, p. 25), e como fora dito, apresenta-se em modelos formais e informais.

Como aponta os estudiosos do grupo de Genebra, o ensino dos gêneros orais e escritos deve ser pautados em um planejamento, como nos mostra a *figura 01*:

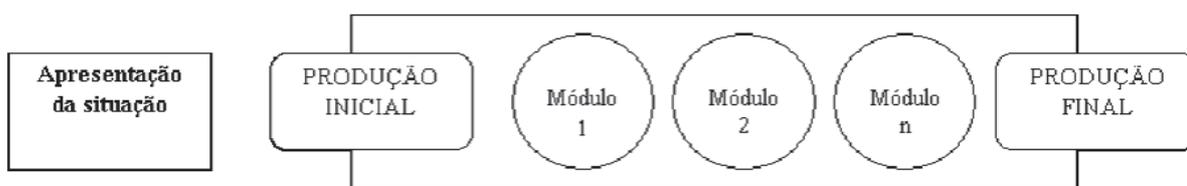


Figura 1: Esquema da sequência didática elaborada pela professora-pesquisadora.

Fonte: (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 83)

A apresentação da situação consiste em apresentar para os alunos a proposta de estudo, após esse momento, recomenda-se uma produção inicial do gênero (seja ele oral ou escrito), a fim de identificar os conhecimentos dos alunos e suas dificuldades. Os módulos consistem em trabalhar os aspectos referentes à leitura, gramática e caracterização do tema e de exemplares do gênero escolhido. Por fim, a produção final consiste no trabalho autônomo do aluno em relação ao tema e ao gênero estudados.

O trabalho com os gêneros textuais/discursivos em âmbito escolar proporciona o desenvolvimento da autonomia do aluno no processo de leitura e produção textual, como uma consequência do domínio do funcionamento da linguagem em situações de comunicação, uma vez que é por meio dos gêneros discursivos que as práticas de linguagem se incorporam às atividades dos alunos.

A leitura de gêneros na escola nem sempre pressupõe a produção escrita. Esta, no entanto, pressupõe atividades de leitura para que os alunos se apropriem das características dos gêneros que produzirão. É por isso que um projeto pedagógico para a produção escrita ou oral pode ser iniciado por um módulo didático de leitura, como nos

apresenta o grupo de Genebra, para que os alunos se apropriem das características típicas do gênero a ser produzido.

Segundo Schneuwly *et.al.* (2004, p. 172):

Na ótica do ensino, os gêneros constituem um ponto de referência concreto para os alunos. Em relação à extrema variedade das práticas de linguagem, os gêneros podem ser considerados entidades intermediárias, permitindo estabilizar os elementos formais e rituais das práticas. Assim, o trabalho sobre os gêneros dota os alunos de meios de análise das condições sociais efetivas de produção e de recepção dos textos. Fornece um quadro de análise dos conteúdos, da organização do conjunto do texto e das sequências que o compõem, assim como das unidades linguísticas e das características específicas da textualidade oral.

Dessa maneira, concordamos com os autores que por meio do ensino sistemático dos gêneros os alunos podem se tornar sujeitos letrados, capazes de produzir e receber textos. Entendemos, assim, que o ensino de gêneros orais tem pouco espaço na escola, o que chega a ser contraditório, pois, antes de dominar as competências de leitura e escrita, já dominamos a fala.

Por conseguinte, entendemos que o padrão da língua pode se manifestar tanto na forma oral quanto na escrita. Daí então, entendermos que a oralidade também apresenta estratégias e níveis de formalidade, havendo, assim, a distinção entre o que é ou não ensinável.

A presença da oralidade formal em sala de aula se dá a partir da aquisição escrita da língua. Com isso Schneuwly *et.al.* (2004), afirmam, a partir de pesquisas realizadas por De Pietro e Wirthner (1996), que o estudo do oral continua fora do entendimento dos professores:

O oral é principalmente trabalhado como percurso de passagem para a aprendizagem da escrita; Os professores analisam o oral a partir da escrita; O oral está bastante presente em sala de aula, mas nas variantes e “normas” escolares, a serviço da estrutura formal escrita da língua. (...)A leitura em voz alta, isto é, a escrita oralizada, representa a atividade oral mais frequente na prática (70% dos professores entrevistados). (PIETRO, WIRTHNER 1996, p. 132 *apud* DOLZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 167)

Percebe-se com esses dados que, nessa época do estudo, a confusão entre oralização de texto (leitura em voz alta) e a produção de gêneros orais já era uma realidade. Atitude esta que se reflete na ausência do ensino da modalidade oral nas escolas.

Os gêneros mais estudados na tradição linguística costumam ser abordados apenas em seus componentes linguísticos-textuais. Isso é pouco para um ensino orientado por gêneros discursivos, como afirma Marcuschi (2008, p. 161): “Não se pode

tratar os gêneros discursivos independente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas.”

O trabalho com os gêneros não deve ser visto de forma isolada, longe da realidade do aluno, mas em conjunto com aquilo que desperta o conhecimento e interesse, trazendo a sua realidade social para a composição do gênero a ser trabalhado.

A escola precisa do auxílio dos meios de comunicação tradicionais (rádio, TV, jornais, revistas etc.) e modernos (internet e *drives*), que instauram a cultura oral e escrita. Assim, o professor organiza os conteúdos a serem apreendidos, traça estratégias de como ensiná-los e como os alunos devem responder aquilo que aprendem, pois a escola pune ou premia seus alunos por meio de avaliação também criadas por ela (XAVIER, S/D).

Segundo Ramos (2002), na produção textual nascida entre a relação com os gêneros orais, o texto assume a noção de espaço de interlocução, em que tanto o texto escrito quanto o falado agem igualmente, com suas similaridades e peculiaridades.

Os gêneros orais, aliados aos meios de comunicação, devem ser vistos, então, como objeto de ensino sistemático e não apenas como comparativo da escrita, pois, como demonstramos, os gêneros orais estão ligados às situações reais de uso e ao contexto social. É preciso que a escola passe a ver esses gêneros pela perspectiva do uso efetivo na vida de seu alunado.

Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) apontam a seguinte orientação:

Acredita-se que a aprendizagem da língua oral, por se dar no espaço doméstico, não é tarefa da escola, as situações de ensino vêm utilizando a modalidade oral da linguagem unicamente como instrumento para permitir o tratamento dos diversos conteúdos. [...] cabe à escola ensinar ao aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, mesa redonda, apresentações teatrais, etc. (PCN, 1998, p. 24,25)

Dessa forma, não é papel da escola ensinar aos alunos a falar, pois eles já dominam as formas cotidianas do oral. Contudo, conforme observado por Mendes (2005), os alunos dominam somente uma ou algumas poucas variedades e alguns gêneros cotidianos, mas nunca todas as variedades da língua, nem tampouco dominam os gêneros da fala em público.

Infelizmente, o cenário que vemos na maioria das escolas, é o ensino da oralização dos gêneros escritos e não a tomada da palavra pelo sujeito com o objetivo de comunicar, trocar opiniões, apresentar ideias. Ou seja, mesmo o alunado sabendo falar

em diversas situações de sua vida privada, a grande maioria deles não sabe ainda como utilizá-la numa situação mais formal ou pública. De acordo com Antunes (2003, p. 101), os gêneros orais precisam ser exercitados em suas regularidades, pois cada um deles apresenta traços próprios, diferentes dos gêneros que são produzidos informalmente. O professor, portanto, precisa planejar e realizar atividades com os gêneros orais do espaço público que visem o desenvolvimento das competências linguísticas e comunicativas dos educandos, até porque, ao introduzir um gênero na escola, o professor deve desenvolver atividades sistemáticas que garantam o domínio do gênero por parte do aluno, de modo que este seja capaz de conhecê-lo, de compreendê-lo, de produzi-lo dentro e fora do contexto escolar.

2.2.1 O gênero mesa-redonda

O gênero mesa-redonda é considerado um gênero oral formal público radiofônico, pois tem sua origem nos programas apresentados no rádio, na qual participam pessoas que se interessam e/ou têm conhecimento sobre um determinado tema. Serve como espaço para discussão coletiva entre os participantes que apresentam posicionamentos distintos ou complementares entre si. (SILVA, 2015).

Para a constituição deste gênero, é necessário a presença de um mediador, que expõe as regras ao público e aos moderadores presentes. Ele deve também controlar o tempo de cada moderador e inserir assuntos que serão abordados durante a execução do gênero. Além disso, é responsável por explicar os objetivos da mesa-redonda e passar a palavra para os convidados ou debatedores para que façam as suas considerações. Dessa maneira, a mesa-redonda é constituída por pessoas especializadas que procuram discutir um tema relevante e atual durante todo o evento.

Esse tipo de gênero oral é considerado um dos mais completos gêneros radiofônicos, pois é um gênero atraente, dinâmico que tem a função de esclarecer ou polemizar temáticas de interesse do público no rádio.

Segundo Jean-Baptiste Ilbaudo, a mesa-redonda:

Trata-se de uma conversa que se desenrola num encontro entre 3 a 5 pessoas. Este encontro é dirigido por um animador. Ele dá a palavra à vez, a todos os participantes. Lança a discussão. A mesa-redonda pode ser motivada por um tema de atualidade, que pela sua importância merece um tratamento mais longo e que por isso não pode ser incluído num serviço de noticiário. Pode

ser organizado periodicamente (semanal, mensal, etc.). (ILBAUDO, 2003, p. 1)

O gênero mesa-redonda pode também servir para ampliar ou confrontar ideias, gerando, assim, um debate, em que os participantes podem confrontar seus posicionamentos ou não.

A função do moderador dentro desse gênero radiofônico permite que ele possa tecer comentários e seguir ou não um roteiro escrito. Exige também que faça perguntas para que os comentaristas possam comentá-las a partir do que estiver sendo exposto.

Para esse tipo de gênero oral, não há tempo determinado para que cada participante possa tecer os seus comentários e não há problemas de um comentarista interromper o outro, desde que haja parcimônia, mas é interessante que o moderador estabeleça um tempo determinado para cada comentarista, para que a discussão não fique enfadonha e que as suas contribuições sejam relevantes para a abordagem.

Este gênero é caracterizado como mais espontâneo, em que podemos atribuir elementos dinâmicos, como enquete, e inserir assuntos que envolvam os participantes, bem como receber a interação do público por meio de perguntas endereçadas aos comentaristas sobre o determinado tema. Podemos utilizar também reportagens que gerem novas temáticas para o evento.

No capítulo que segue apresentamos a metodologia selecionada para o estudo, em seguida, tomamos as informações teóricas discutidas como eixo norteador para a discussão dos dados.

3 O PERCURSO METODOLÓGICO PARA A COLETA E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS

A produção científica é, ao mesmo tempo, produção do conhecimento, que busca nas teorias vigentes investigar objetos da realidade social. Em nosso estudo, planejamento e ação se concretizam na prática de ensino do gênero mesa-redonda para uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental II, de uma escola pública, da cidade de Campina Grande, PB, e ao projeto de letramento envolvendo o gênero mencionado.

Para isso, utilizamos diferentes registros como: questionário, diário das aulas e vídeo gravação.

Os usos desses registros são importantes para o estudo, pois refletem: 1) as experiências de estudo dos gêneros orais na escola (questionário); 2) as impressões sobre a aplicação das atividades, empenho ou desinteresse dos alunos acerca do gênero em questão, coletadas a partir dos diários de aula; 3) a aplicação da Sequência Didática e a produção final do gênero mesa-redonda, realizada pelos alunos (vídeo gravação);

3.1 Natureza dos dados da pesquisa

Toda pesquisa começa com uma dúvida, uma inquietação ou um problema e é sustentada por alguns pressupostos básicos (MOREIRA, 2008). Assim, a linha de pesquisa que seguimos é o de pesquisa-ação, em que há a intervenção em pequena escala no mundo real e um exame de perto dos efeitos dessa intervenção. Segundo Moreira (2008 *apud*. STENHOUSE), a pesquisa-ação deve contribuir não apenas para a prática, mas para a teoria da educação e do ensino.

Diante disso, a sequência elaborada contempla o trabalho cooperativo, na qual tanto alunos quanto professores participam do processo ativamente, por isso a produção do gênero mesa-redonda exigiu o planejamento e interação de ambas as partes.

Inserida na linha de estudos da Linguística Aplicada (LA) que, de acordo com Moita Lopes (2011, p. 18), tem o objetivo de “compreender a linguagem como constitutiva da vida institucional, a LA passa a ser formulada como uma área centrada na resolução de problemas da prática de uso da linguagem dentro e fora da sala de aula.”, isto é, a investigação envolve a análise do uso da linguagem em suas práticas sociais.

Situada no âmbito da pesquisa qualitativa, que “Parte do fundamento de que há uma relação dinâmica viva entre sujeito e objeto, um vínculo indissociável entre o

mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 2001, p. 79), este estudo entende que o conhecimento não é algo isolado, mas parte de uma teoria explicativa, em que o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento.

Sabendo disso, podemos dizer que o nosso trabalho é situacional, pois diagnosticamos a dificuldade dos alunos em lidarem com a produção oral em situação pública de fala e colaborativo, já que envolve tanto os alunos quanto a professora-colaboradora e a professora-pesquisadora.

3.2 O ambiente escolar

A instituição pública era constituída por turmas do Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano; Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos, do 6º ao 9º ano, funcionando nos turnos manhã, tarde e noite e possuía cerca de 600 alunos, no ano de 2015.

A sala de aula era equipada por lousa, carteiras, birô e cadeira para o professor. Quanto aos recursos midiáticos (TV, Datashow, DVD, etc), o professor precisava agendar o uso, com antecedência, e o mesmo deveria fazer a instalação dos equipamentos em sua sala de aula.

3.3 Os sujeitos envolvidos no processo

Os sujeitos envolvidos no processo de ensino - aprendizagem do gênero mesa-redonda foram: vinte e cinco alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, a professora efetiva da turma – graduada em Licenciatura em Letras, pela Universidade Estadual da Paraíba - que cedeu o seu espaço para que pudéssemos aplicar a nossa pesquisa (que durante o processo da pesquisa, participou apenas respondendo ao questionário), e a professora-pesquisadora, que executou a sequência planejada.

Os alunos do 9º ano foram selecionados como sujeitos da pesquisa por apresentarem, segundo a professora titular, interesse em atividades diversificadas.

A turma do 9º ano era composta como dissemos, por vinte e cinco alunos, entre treze (13) e quinze (15) anos de idade, sendo quinze do sexo feminino e dez do sexo masculino. Destes, todos estavam cursando a série pela primeira vez. Cabe destacar que, desse total de alunos que compunha a turma, apenas cerca de quinze alunos participaram ativamente das aulas, pois como a sequência era executada nas duas

primeiras aulas do turno da tarde, alguns alunos chegavam depois do início das atividades quando não faltavam.

Antes do contato com a turma, foi aplicado um questionário com a professora titular², a qual respondeu algumas perguntas pertinentes para a pesquisa:

Quadro 1: Questionário aplicado à professora titular

PERGUNTA	RESPOSTA
Qual a sua formação acadêmica? Possui algum tipo de pós-graduação? Qual?	Letras pela Universidade Estadual da Paraíba, e especialista em linguística e em artes.
A formação é um passo essencial para nos tornar profissionais capacitados para o nosso ofício. Outro ponto importante é a própria experiência. Nesse sentido, você considera que a sua formação cumpre suas necessidades essenciais de professora? Em que sentido?	Todos os dias precisamos buscar nos aperfeiçoar. O dia a dia do professor em sala de aula exige que nos tornemos cidadãos críticos e conscientes e vejo que preciso melhorar, preciso estudar mais. Exige uma distância enorme entre a teoria e a prática. Preciso buscar ainda mais meios para chegar nos meus alunos de forma eficaz a leva-los a aprender de maneira prazerosa.
Sabemos que a experiência conta muito para a nossa formação. Há quanto tempo atua em sala de aula?	Tenho mais de 25 anos em sala de aula.
Os gêneros orais assim como os escritos, são bastante importante para o entendimento do aluno com o meio em que vive, assim o que você entende por gêneros orais? Você já trabalhou algum gênero oral em sala de aula?	Sim. Reportagem, notícia, editorial, texto de opinião, resumo, seminário, entrevista, contação de história, etc.
A tecnologia hoje possibilita que o professor possa tornar as suas aulas mais dinâmicas e atrativas. Você utiliza algum recurso tecnológico em suas aulas? Qual?	Não. Por não ter instrumentos que possibilite o trabalho.
É preciso que a tecnologia chegue a sala de aula como fonte inovadora e prazerosa de ensino, mais para isso é preciso que a escola tenha recursos que possibilitem esse ensino. A escola dispõe de algum equipamento tecnológico como: Datashow, computadores, entre outros?	Datashow, porém, ainda não tive acesso.

As respostas apresentadas foram reproduzidas, tais como no questionário original. De acordo com a professora, podemos perceber que, mesmo estando em fim de carreira (25 anos de atuação docente), ela considera utópica a relação teoria-prática,

² O questionário original encontra-se no Anexo I.

talvez pela revelada ausência de estudos – questão 2: “... preciso melhorar, preciso estudar mais”.

Quanto aos alunos, no primeiro contato, perguntei se já tinham trabalhado com o gênero mesa-redonda ou outro tipo de gênero oral. Os alunos responderam que já haviam trabalhado com os gêneros seminário e debate. Devido o debate se assemelhar muito à mesa-redonda, por vezes, os alunos confundiam os gêneros.

3.4 Constituição do *corpus* de análise

O processo de coleta de dados desta pesquisa foi dividido em quatro fases: a primeira fase correspondeu a um questionário aplicado com a professora a respeito do gênero a ser analisado; a segunda diz respeito ao planejamento, desenvolvimento e aplicação da sequência didática envolvendo o gênero mesa-redonda; a penúltima foi à análise de dados coletados; e a última envolveu à elaboração de um projeto de letramento consistente para o ensino do gênero em questão.

O projeto de letramento para o ensino do gênero mesa-redonda se situa como forma de ampliar a noção de gêneros orais, a partir do conhecimento de outro gênero que já faz parte do cotidiano dos alunos, o debate. Mesmo tendo contato com esse outro gênero da oralidade, pudemos perceber que os alunos pouco dominavam a associação e utilização deste gênero já trabalhado.

A mesa-redonda foi escolhida como objeto de ensino por dois motivos: primeiro, por sua importância, pois aparece na escola, mesmo que esporadicamente, fazendo parte da vida dos alunos, por meio dos programas radiofônicos; e segundo, pelo gênero mesa-redonda permitir um diálogo com jornais online promovendo o letramento digital, através de discussões semelhantes à aplicação do gênero.

É importante mencionar que as aulas foram ministradas no período de um pouco mais de um mês, teve início no dia 07 de agosto de 2015 e finalizou no dia 18 de setembro de 2015, nos dias referentes as aulas de Língua Portuguesa. No total, somam-se duas aulas semanais em um dia por semana: sexta-feira. Sabemos que muitas são as limitações no decorrer da pesquisa. Assim, como as aulas funcionavam na primeira e segunda aula, por vezes, era difícil ministrá-las devido à pequena quantidade de alunos, principalmente na primeira aula. Além disso, outros fatores corroboraram para algumas dificuldades como: desinteresse por parte de alguns alunos e a cobrança do “conteúdo

escolar” (engessado), que correspondiam às categorias gramaticais: regência verbal e nominal a ser trabalhado com eles.

Diante disso, propusemo-nos a elaborar um projeto de letramento baseado na necessidade de estudar os gêneros orais em sala de aula na Educação Básica, bem como promover práticas de letramentos.

No tocante à ação dos dados, nos orientamos sob a perspectiva de Dolz, Noverraz e Shneuwly (2004, p. 95), na qual afirmam que “é possível ensinar e escrever textos e exprimir-se oralmente em situações públicas escolares e extraescolares”. Devemos ensinar aos nossos alunos não apenas os gêneros escritos, mas sim os orais como gêneros atuantes em situações públicas, as quais necessitam de um planejamento prévio para a execução do trabalho com o gênero mesa-redonda. Assim, a sequência didática foi executada no total de quatorze aulas, em que correspondia aos seguintes conteúdos: leitura e produção de textos de poemas, charges e notícias, bem como a produção de texto oral e escrito referente ao gênero mesa-redonda.

3.5 Descrição das aulas referentes ao ensino do gênero mesa-redonda

Sem dúvidas, a interação entre professor e aluno influencia muito em nossa prática docente. Durante o processo de aplicação da SD, procuramos buscar interesses tanto por parte da professora-pesquisadora, quanto por parte dos alunos, que desenvolveram o estudo de acordo com o interesse deles. O tema escolhido para nortear nossa prática foi “A internet”, considerada como um objeto de vício de alguns alunos e atividade sobre a qual demandam um interesse maior, diante dos processos tecnológicos digitais dos quais vêm participando.

As atividades planejadas para o processo de letramento compreendiam em atividades de leitura, produção de texto e de análise linguística, e as tarefas eram desde leituras de textos sobre a temática até a produção de uma vídeo-gravação da mesa-redonda produzida pelos alunos.

Como os pesquisadores do grupo de Genebra propõem, iniciamos nosso trabalho, com os alunos, expondo e apresentando para eles a proposta de estudo do gênero mesa-redonda, bem como propondo uma temática voltada para o interesse deles. Neste momento, pudemos explorar a compreensão dos alunos acerca da temática “internet”, e, através de palavras geradoras como: som, computador, celular, internet

etc., puderam construir o seu pensamento inicial a respeito da temática. Em seguida, apresentamos para eles o texto “Viver mais e melhor”, de Carlos Pimentel, na qual puderam verificar de que modo lidamos com a tecnologia e se as palavras geradoras, dadas no início da aula, correspondiam ao que o texto nos sugere. Assim, a partir da leitura e das considerações feitas pelos alunos e pela de professora-pesquisadora, eles concluíram que a tecnologia representava mudança na sociedade.

Nos encontros seguintes, tínhamos a pretensão de levar exemplos de discussão de jornais online, que seriam tomados como base para que os alunos produzissem a mesa-redonda, mas, devido a tantos obstáculos impostos pela administração da escola em ceder o data show acabamos desistindo e buscando novas alternativas para que o conteúdo fosse trabalhado. Assim, pudemos observar que, mesmo a escola possuindo materiais didáticos diversos, que permitem ao professor promover uma aula dinâmica e interativa, a burocracia estabelecida pela escola faz com que o profissional fique na mesmice, tentando buscar novas alternativas para que as suas aulas sejam mais eficazes e atrativas.

Planejávamos também, em cada aula fazer a gravação de voz por meio do celular, para que fôssemos observando como os alunos tinham progredido na pesquisa. Infelizmente, devido a muitos assaltos na área, isso não foi possível, pois tínhamos muito receio em levar aparelhos para a escola devido a estes fatos. Alguns alunos nos relataram, durante as aulas, que essa prática era comum na escola, que muitos alunos já haviam sido assaltados na porta da escola ou até mesmo dentro dela. Relataram também que um aluno chegou a ser alvejado em frente à instituição. Dessa forma, devido à insegurança que sentimos, achamos melhor fazer o diário de aula, em que, ao final de cada aula pudéssemos fazer as anotações.

Durante toda a aplicação da SD, pudemos perceber que os alunos interagem nas aulas. Alguns mais do que outros, mas todos se empenhavam para o andamento da aula. A cada encontro, os alunos traziam informações novas sobre a temática, o que enriquecia a nossa discussão. Apesar da pequena quantidade de alunos ativos nas aulas, eles sempre se mostraram muito receptivos com a nossa proposta e com tudo o que havíamos planejado.

Assim, concordamos com Dolz, Noverarz e Schneuwly (2004), quando afirmam que a apresentação da situação promove nos alunos recursos para a realização das atividades, em que resultará na produção final do gênero. Com isso, o trabalho seguinte foi o estudo do gênero, neste caso específico o mesa-redonda. Essa etapa geral se

desenvolveu com a realização das atividades de leitura, análise linguística e produção de texto descrita na análise.

As atividades propostas e executadas proporcionaram aos alunos o contato com diversos gêneros textuais, desde poemas, charges, textos informativos, até notícias. Dessa forma, pudemos perceber que, apesar dos alunos estarem concluindo o Ensino Fundamental II, pouco tinha sido o contato deles com gêneros textuais, especialmente com os gêneros orais, e, por vezes, faziam confusão entre os gêneros debate e mesa-redonda. Gêneros estes que, embora semelhantes em algumas características, apresentam algumas peculiaridades típicas de cada um. Concordamos com Kock (2003) quando afirma que é preciso que o aluno tenha o contato com estes gêneros para que haja a interação social.

Diante da discussão em sala de aula, os alunos puderam perceber a semelhança existente entre os gêneros debate e mesa-redonda e com as informações novas puderam averiguar que cada gênero oral possui sua especificidade.

O processo de ensino adotado pautou-se no modelo de ensino interacionista, em que tanto professora quanto alunos tinham o direito à palavra. A professora, no seu papel de sistematizadora e mediadora do conhecimento, os alunos, trazendo suas experiências e mobilizando a aprendizagem.

Para a produção do *script*³, orientamos os alunos que eles deveriam produzir um texto que os guiasse para a produção final que culminaria na produção da mesa-redonda. Orientamos que os alunos colocassem no texto escrito desde saudação até o agradecimento, pois o texto serviria como base para a sua apresentação. No entanto, os alunos realizaram apenas parcialmente a proposta, conforme detalhamos no item seguinte deste estudo.

Além disso, para cumprir com a grade de conteúdos para a unidade, estava o estudo das regências verbais e nominais. Por isso, aliamos atividades que fizessem o aluno associar a funcionalidade das categorias gramaticais para o encadeamento do texto.

Para a produção oral dos alunos, que resultaria na produção da mesa-redonda, apresentamos passo a passo sobre constituição do gênero, como por exemplo: quais sujeitos devem compor o evento, que tipos de argumentos devemos utilizar, onde

³ *Script* é um texto escrito com instruções para serem seguidas. Esse tipo de texto geralmente é usado em: peças teatrais, programas televisivos ou programas de computadores. O *script* é um roteiro onde estão todas as informações sobre o que será falado. O *script* pode ser usado também em mesas-redondas para servir de texto orientador para a sua exposição oral.

acontece este evento entre outros, a fim de que os alunos pudessem ter conhecimento e o aplicassem as orientações na produção final.

4 MESA-REDONDA COMO OBJETO DE ENSINO: COMO ENSINAR E QUAIS AS SUAS LIMITAÇÕES?

Norteados pelos teóricos mencionados na fundamentação, nossa pesquisa centra-se nos objetivos específicos de: a) descrever a produção final do gênero mesa-redonda de um grupo de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II; b) identificar a contribuição do gênero mesa-redonda para o letramento do alunado; c) propor uma Sequência Didática para o estudo/ensino do gênero em foco.

No primeiro tópico, intitulado *A contribuição do gênero mesa-redonda para o letramento dos alunos*, descrevemos e analisamos, num primeiro momento, a preparação para a execução do gênero, e, no segundo momento, a produção dos alunos na tentativa de produzir a mesa-redonda, referente ao primeiro e ao segundo objetivo específico. Para o *corpus* em análise, utilizamos a produção escrita do *script* produzido pelos alunos da turma e a transcrição da produção oral (ver normas no Anexo II) da mesa-redonda produzida por eles.

No segundo tópico, intitulado *Uma proposta de ensino: projeto de letramento envolvendo o gênero mesa-redonda*, referente ao último objetivo, propomos o ensino do gênero em foco através da união entre a disciplina de Língua Portuguesa e de outras que possam contribuir com uma prática sistemática e planejada de ensino.

4.1 A contribuição do gênero mesa-redonda para o letramento dos alunos

Para verificar a contribuição da mesa-redonda para o processo de letramento, mapeamos os alunos mais participativos, ou seja, aqueles alunos que interagem seja na realização de algum questionamento, seja na realização das atividades, eram capazes de discutir e expor seus questionamentos de maneira contextualizada, diferente de outros alunos que apenas se limitavam a responder “sim” ou “não” a alguma perguntada realizada.

Assim, no primeiro subitem desta análise, tratamos da produção escrita dos alunos com base nos apontamentos feitos na metodologia, através da tentativa de produção escrita do *script*. Já no segundo subitem, apresentamos e analisamos as transcrições da tentativa da produção oral da mesa-redonda produzida pelos alunos.

Os exemplos utilizados para o segundo objetivo proposto fazem parte da transcrição oral proferida pelos alunos na fase final da SD do gênero em estudo, expondo práticas letradas ensináveis e não ensináveis nesse contexto.

4.1.1 Planejamento para a produção do gênero mesa- redonda

Com o uso de competências para discussões e resolução de atividades, nas aulas, é preciso que o aluno seja competente nas modalidades oral e escrita, para tanto, precisa ser levado em conta o desenvolvimento cognitivo de cada sujeito, ou seja, tudo o que o aluno traz de suas experiências cotidianas.

Nesse sentido, pedimos que os alunos produzissem um *script*, segundo os moldes esperados para a realização de uma mesa-redonda, para então começar nos módulos e produzir o texto final, que resultou em vídeo-gravação.

Após a realização das atividades que se referem à explicação e partilha de conhecimentos sobre o gênero mesa-redonda, a atividade seguinte compreenderia a primeira versão escrita de um *script* que serviria como suporte para os alunos para a produção final, produzido individualmente pelos alunos. Assim, dos 15 alunos que participavam das aulas, apenas 7 produziram o *script*. Cabe destacar que os alunos que produziram o texto oral (execução do gênero mesa-redonda) não produziram o *script*. Ou seja, os alunos não produziram o texto por dois motivos: primeiro por não estarem no encontro em que foi solicitado o *script*, e o segundo por não cumprimento da atividade solicitada. Dessa forma, percebemos que se os alunos tivessem produzido o texto escrito, o evento pudesse ter sido executado em sua totalidade.

No entanto, mesmo expondo para os alunos o modelo de um *script*, a maioria deles apresentou fuga ao gênero, produzindo texto bem semelhante à típica dissertação escolar como podemos ver no exemplo a seguir:

A tecnologia e as melhorias que traz a nossa vida ,

A cada dia mais usamos as tecnologias inventadas, a cada dia precisamos muito mais dela! Nos dias de hoje as crianças muito pequenas já usam e gostam das tecnologias, usam celulares, Notebook, Tablet, e desde bebê assiste televisão.

Existem várias formas de utilizar um computador por exemplo, podemos trabalhar, estudar, jogar, conversar, ver vídeos, fazer pesquisas, ouvir músicas, ler blogs, usar as redes sociais e inúmeras outras coisas.

Com tantas coisas acontecendo e tantas informações a um click estamos ficando horas e horas em frente de um computador ou no celular, e estamos esquecendo que existe uma vida fora dessas telinhas! e ficamos viciados e alucinados perdendo muitas coisas que acontecem. Acho que precisamos ter muita cuidado tempo que dividir em pouco as coisas. De precisamos saber usar tudo isso e ter bom senso e tudo de certo.

Com as redes sociais nossas vidas estão cada vez mais pública todos sabem o que você faz e você também sabe o que outros fazem. Muitas vezes não pensamos no que postamos e sem pensar acaba causando um enorme problema por causa de fotos, vídeos ou palavras. Enfim, a tecnologia está aí cada dia mais nos ajudando e nos dando mais tempo e facilitando nossa vida só precisamos que usá-lo bem.

Figura 2: Produção escrita dos alunos

Fonte: Elaboração escrita produzida pelos alunos (2016).

O número de tarefas que utilizam o texto escrito na escola é legitimada condição de excelência, pois é natural que o professor, os alunos e os pais incubam a escola de ensinar a escrever, pois o aluno já chega a escola sabendo falar. Como podemos ver em Marcuchi (2008 p. 53) “os textos escolares revelam ignorância e descompasso em relação à complexidade da produção oral dos alunos. Ignoram que o aluno já fala (domina a língua) quando entra na escola.”

Diante dessa consideração, bem como do texto apresentado, é preciso levarmos em conta que, neste estudo, não estamos considerando os problemas apresentados pelos alunos no nível da escrita, mas a função e a produção do *script* como um exemplar do gênero. É, então, possível percebermos que o aluno que produziu o texto 1 acima domina a produção da famosa dissertação escolar. Diante dessa realidade, não

conseguiu imprimir sentido ao novo gênero solicitado e acabou por produzir um exemplar daquilo que já conhecia e que dominava naquele momento.

O nosso objetivo inicial no módulo da SD, que pedia para que os alunos fossem capazes de compreender o uso do gênero mesa-redonda para a sociedade, foi atingido parcialmente, pois, os alunos compreenderam porque o texto escrito era importante para a realização do evento, mais não conseguiram produzi-lo da forma como havíamos solicitado. Porém, por mais que os alunos tenham elaborado um texto dissertativo, podemos perceber que mesmo assim ainda possuem dificuldades em articular as ideias para compor o seu texto.

Como podemos perceber no trecho: “*Com as redes sociais nossas vidas estão cada vez mais publica todos sabem o que você faz e você também sabe o que os outros fazem. Muitas vezes não pensamos no que postamos e sem pensar acaba causando em enorme problema por causa das fotos, vídeos ou palavras. Enfim a tecnologia está ai cada dia mais nos ajudando e nos dando mais tempo e facilitando nossa vida só temos que usa-lo bem.*” Existe a tentativa de conduzir o texto de maneira coerente e coesa, no entanto, devido à ausência de repertório linguístico e de encadeadores adequados, o texto termina antes de apresentar elementos que comprovem as informações sobre o comentário.

A SD aplicada, preparação para a produção do gênero mesa-redonda, conduzia o ensino da oralidade a partir da escrita, ou seja, quando trabalhamos a análise linguística, especificamente, regência verbal e nominal, esperava-se que os alunos, através de sua produção escrita, pudessem identificar estes aspectos gramaticais nas marcas de formalidade presentes no texto falado e percebessem essa escala no *script* da mesa-redonda.

Portanto, podemos perceber como aponta Marcuschi (2008, p. 161), “não se pode tratar os gêneros discursivos independente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas.” Por mais que os alunos tivessem conhecimento de alguns gêneros sejam eles escritos ou orais, a sua produção era independente da sua realidade social e dependente do contexto de ensino/aprendizagem, o que levou o aluno a não saber diferenciar um gênero do outro, e produzir um texto que lhes era familiar: a dissertação.

Percebemos então que, diante da resposta dada pela professora que precisa buscar novas teorias para se aperfeiçoar, provavelmente, o seu ensino no tocante aos gêneros leva os alunos a produzirem sempre o mesmo tipo de gênero textuais/discursivos.

4.1.2 A produção do gênero mesa-redonda

Ao estudar o gênero mesa-redonda, é importante considerarmos três pontos importantes em sua organização linguístico-textual: I) A apresentação do mediador, expondo a temática a ser explorada e tecendo algumas informações sobre a temática; II) A condução da mesa – redonda por parte dos mediadores; III) O público interagindo com os oradores, ao final da apresentação.

Assim, solicitamos aos alunos que, de forma espontânea, apresentassem os membros para compor a produção do gênero. Com isso, quatro alunos, dos quinze que participavam das aulas, se propuseram a promover este evento. Cabe lembrar que desses quatro alunos, nenhum produziu o *script*. A escolha espontânea se deu por parte dos alunos, pois, como eles tinham dificuldade em tomar o “poder da fala” muitos ficaram com “medo”, assim esses quatro alunos, que eram os mais desinibidos durante as aulas, se propuseram a realizar o evento.

A nossa análise se volta para pontos específicos das falas dos alunos, através da produção final do gênero. É importante ressaltar que tivemos alunos que cumpriram apenas com o solicitado em oposição àqueles que apresentaram maior domínio do conteúdo, de fala e de condução da exposição, considerando as limitações de produção e o nível de comunicação apresentado por eles. Assim, alguns alunos conseguiram imprimir os conhecimentos armazenados como são sugeridos por Koch e Elias (2012). Alguns trazem os conhecimentos adquiridos, outros não conseguem imprimi-los em sua fala.

Os códigos apresentados para a transcrição das falas dos alunos são: para o Mediador, o código “A1”; Para os moderadores, a letra “M”, seguida da numeração correspondente ao aluno; para o público, a letra “P”, seguida na numeração correspondente ao aluno:

- I) A fala do mediador: exposição da temática a ser explorada, e informações sobre a temática:

Durante a apresentação, percebemos que o aluno na função de mediador (A1) apresenta manifestações de marcas linguístico-textuais como apresentação do gênero a

ser elaborado, os participantes e apresenta, sucintamente, as etapas constituintes para a exposição, que estruturam o texto como apresentado a seguir:

A1: *A gente vai começar uma mesa redonda... e::: ... nossos comentaristas vai primeiro debater um pouquinho sobre o assunto tecnologia e:::... depois a gente vai::: ... escutar as perguntas do público para eles e aí eles vão responder::: ... e a gente vai com a nossa seNHOrita S. M, ela vai::: ... dialogar um pouco.*



Figura 3: Exposição do moderador

Fonte: Elaboração Própria (2016).

No início de sua fala, a aluna expõe todas as etapas que compõem a mesa-redonda, porém a sua linguagem está mais voltada para uma conversação do que o gênero proposto. Esperava-se, deste momento, que o aluno fosse capaz de tecer as suas primeiras considerações sobre a temática, antes de promover a palavra aos moderadores. Como vimos em Iboudo (2003, p. 1): “Este encontro é dirigido por um animador. Ele dá a palavra à vez, a todos os participantes. Lança a discussão.” Vemos também que a aluna estava apenas cumprindo o que lhe fora proposto, demonstrando uma exposição apressada.

II) A condução da mesa-redonda por parte dos moderadores;

O moderador 1 (M1), demonstrou um interesse maior em expor suas ideias diante do assunto proposto, mostrando que domina o conteúdo, apesar de não seguir nenhum texto escrito. Ela se comporta de maneira esperada para o gênero, mesmo sem ter produzido o texto escrito, pois trás para a sua fala os conhecimentos adquiridos

como nos sugere Koch e Elias (2012) se apropriando com total domínio sobre aquilo que se propôs a falar:

M1: *Bom gente, então como a gente sabe a tecnologia está cada vez mais atuante na nossa vida, e vai de celulares, notebooks, computadores, até aviões e foguetes. O que acontece é que a tecnologia foi criada para nos ajudar, para melhorar a nossa vida, só que dependendo da pessoa e dependendo da tecnologia, ela acaba meio que mal usando essa tecnologia, -- e não a seu favor e:: ... também acaba atrapalhando um pouco a vida das outras pessoas. O que eu tenho a dizer é que, a gente tem que mais aprender a usar todos esses tipos de tecnologia, para podermos estarmos sempre ai é::: ... sempre vendo essas tecnologias.*



Figura 1: Condução do moderador 1
Fonte: Elaboração Própria (2016).

O moderador 1 expõe de forma segura tudo que havíamos discutido em sala de aula, fazendo um percurso dos avanços tecnológicos até a atualidade. Ela reconhece que a tecnologia pode ser uma ferramenta positiva para a sociedade, mas não esquece do seu lado negativo quando apresenta o seu mal uso, em que se refere: *O que acontece é que a tecnologia foi criada para nos ajudar, para melhorar a nossa vida, só que dependendo da pessoa e dependendo da tecnologia, ela acaba meio que mal usando essa tecnologia, -- e não a seu favor e:: ... também acaba atrapalhando um pouco a vida das outras pessoas.* Este item, imprescindível à execução da mesa-redonda, se refere ao que Ilbaudo (2003) apresenta como a característica que permite ao moderador expressar opinião, emitir comentário e deixar de seguir o roteiro, mas não totalmente, inclusive, podendo criar perguntas a partir do que os entrevistados comentaram.

Já o M2, apresenta a sua exposição de forma muito sutil, demonstrando que tinha pouco domínio do conteúdo e de tudo que tinha sido proposto:

M2: *é então:: ... continuando aqui o que ela tava falando né? Tem as tecnologias, pra algumas pessoas ela é boa, pra outras pessoas ela é ruim né? Pra umas pessoas ajuda e pra outras dificulta né? Mas lá no futuro vai ter mais tecnologia, mas avançada ainda.*



Figura 2: Condução do moderador 2
Fonte: Elaboração Própria (2016).

Percebemos que, mais uma vez, o aluno tenta fugir do que lhe fora pedido, apresentando um discurso apressado e com pouco domínio de conteúdo.

O M3, apesar de demonstrar insegurança em sua fala, nos traz uma reflexão importante que não havíamos discutido em sala, mas que enriquece muito a sua fala, bem como o entendimento, curiosidade e reflexão dos colegas de turma:

M3: *Aqui o tema é tratado a tecnologia e como a gente sabe é:: ... tem vários pontos né? tratando da tecnologia, hoje em dia que tá dificultando muito porque já chegou até comentar que essa nova geração vai ser a geração dos corcundas, porque o povo fica muito no Celular e fica assim ó ((abaixado))... é enfim, e a tecnologia desde do principio ela teve como interesse maior ligar outras pessoas e a comunicação. Mas isso, não foi possível pelos outros. Vamos para as perguntas agora.*



Figura 3: Condução do moderador 3
Fonte: Elaboração Própria (2016).

E3, com seu comentário a respeito da geração corcunda – *hoje em dia que tá dificultando muito porque já chegou até comentar que essa nova geração vai ser a geração dos corcundas, porque o povo fica muito no Celular e fica assim ó ((abaixado))...* –, traz à tona todo o centro da discussão realizada em sala de aula, de que é preciso usarmos a tecnologia de forma moderada e, através de seu comentário, os alunos se reconhecem como integrantes desta geração. Além disso, a fala do aluno revela a ativação de conhecimentos, especialmente do conhecimento enciclopédico e do conhecimento interacional, resultantes de seus conhecimentos adquiridos em vivência social e lançados para o ouvinte num momento pertinente de sua fala.

Além de conduzir a discussão dos membros da mesa-redonda, o mediador deveria participar mais ativamente dos comentários acerca da temática.

Dessa forma, podemos dizer que o ensino da mesa-redonda deve considerar a dimensão do que é ensinável e do que não é, pois os alunos só foram capazes de proferir os saberes adquiridos no processo de aquisição do gênero, conforme discutiremos melhor adiante.

Antes da palavra ser passada para a interação com o público, é preciso que o moderador finalize com um comentário e ordene a participação do público. Atividade esta que não foi realizada no evento.

III) O público interagindo com os mediadores:

Percebemos que o público, representado pelos alunos da turma, interagiram com os moderadores com perguntas que estes não tinham exposto em sua apresentação, tornando a discussão e o entrosamento mais efetivos:

P1: *De que forma ela pode atrapalhar a relação social entre as pessoas?*

M1: *A relação social principalmente, assim:: ... as vezes a gente tá em um grupo de amigos, as vezes a gente tá em um grupo de família, tá lá no instagram, no snapchat, e isso as vezes atrapalha, através de ir diretamente a pessoa, a gente tá lá conversando via internet, via rede moveis, e isso as vezes atrapalha a convivência social das pessoas.*

P1 ao perguntar a M1 traz à tona a discussão levantada pelos alunos, anteriormente nas aulas, em que, muitas vezes, por estarmos ligados a tecnologia, esquecemos o contato físico das pessoas.

P2 e P3, na mesma perspectiva, questiona os pontos positivos e negativos dessa tecnologia na sociedade:

P2: *de que modo ela contribui para a nossa vida ou pontos positivos?*

M3: *Por meio da comunicação, pra gente se comunicar com outra pessoa é mais rápido do que mandar uma carta.*

P3: *E de que modo ela atrapalha a vida das pessoas?*

M3: *Porque a pessoa tem tipo um amigo lá, só que a pessoa não tá escutando lá o que a outra pessoa tá falando, tá no telefone lá falando com outras pessoas].*

M3, ao dizer: *pra gente se comunicar com outra pessoa é mais rápido do que mandar uma carta*, refere-se aos avanços que a tecnologia trouxe para a sociedade. O M3 afirma, ainda, que um dos pontos negativos é a falta de diálogo entre as pessoas ao estarem com o celular em mãos: *Porque a pessoa tem tipo um amigo lá, só que a pessoa não tá escutando lá o que a outra pessoa tá falando, tá no telefone lá falando com outras pessoas*. O aluno expõe experiências vividas com ele, que não foram positivas, na qual, ao se comunicar com um amigo, ele não demonstra interesse em seu diálogo, optando por falar no celular com outras pessoas.

Ainda sobre a pergunta de P3 sobre os pontos negativos, M1 também traz em discussão experiências vividas e habituais pelos alunos:

M1: *[E não só isso né? Tem diversos outros tipos de tecnologia a não ser a internet né? O exemplo de tecnologia que ela veio pra melhorar e só acaba atrapalhando é a biometria, as vezes a gente tá lá no ônibus, passa bem muito tempo esperando, chega na parada e não passa porque fica lá o tempo todo. Isso é um tipo de tecnologias que veio para melhorar e acaba PIOrando.*

A aluna faz alusão ao sistema biométrico dos transportes públicos, que, para ela, dificulta muito o acesso aos ônibus. Percebemos, assim, que o conhecimento, predominantemente mobilizado, pelos alunos foi o enciclopédico.

Os alunos atingiram níveis de letramento no âmbito macroestrutural e microestrutural. No macroestrutural, compreenderam como funcionava o gênero oral trabalhado, respeitando a fala do outro, característica típica da mesa-redonda. Já na microestrutural, os alunos não conseguiram executar o gênero, devido à falta de preparação, seja ela por não terem produzido o texto escrito (*script*), seja por não terem se preparado para a sua exposição oral⁴.

A nossa proposta era promover o ensino do gênero mesa-redonda atrelado a recursos midiáticos, promovendo aulas dinâmicas e interativas para os alunos. Sabemos que as escolas, especialmente, as públicas, já possuem equipamentos tecnológicos que favoreçam esse ensino, mas, na escola em estudo, os alunos não têm nenhum contato, e o professor não possui um preparo ou simplesmente a escola impôs burocracias para que o uso efetivo dessas mídias.

Em alguns momentos, pudemos perceber que, diante da aproximação do gênero debate e mesa-redonda, os alunos confundiram as características e funcionamento destes gêneros, podendo, por vezes, até misturar aspectos pertinentes aos gêneros. Esse tipo de confusão se deu porque os dois gêneros exigem argumentos que possam ser convincentes para o público.

Além disso, os alunos se mostraram bastante conhecedores da temática, pois tratava-se de um assunto típico da sua faixa-etária. Porém, mesmo assim, a produção da mesa-redonda se caracterizou mais em uma exposição oral. Isso se dá pela dificuldade de trabalharmos na escola gêneros orais que façam o alunado perceber as diferentes características destes gêneros. Em contrapartida, acreditamos que diante de todas as dificuldades enfrentadas no processo de aplicação da SD, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer os gêneros orais, não como uma simples conversação, mas como gêneros possíveis de serem ensinados e praticados.

Nesse mesmo sentido, outras pesquisas chegaram à mesma constatação de que os alunos não conseguem reproduzir o gênero estudado, mas sim a exposição oral, como por exemplo, a pesquisa de mestrado intitulada “Palestra na escola: um gênero ensinável?”, de Silva (2011).

⁴ De acordo com Gomes-Santos (2012), na escola, a **exposição** consiste em uma ação conjunta, de caráter compartilhado, que supõe habilidades diversas, como negociação de papéis, tomada do turno, manutenção da fala, etc.

4.2 Características ensináveis e não-enšináveis do gênero mesa-redonda

Diante do processo de ensino-aprendizagem do gênero mesa-redonda, muito do que foi planejado pôde ser viabilizado e aplicado junto com os alunos, conforme mostramos nos itens anteriores. No entanto, é importante considerar que, ao ensinar qualquer gênero oral, nos deparamos com características ensináveis e outras não-enšináveis. Dessa maneira, percebemos que cabe ao professor planejar essas estratégias para a melhor condução desse gênero, sabendo-se de sua necessidade e de suas limitações enquanto conteúdo de ensino.

As estratégias ensináveis do gênero mesa-redonda são a estrutura retórica do gênero; a construção da argumentação: formulação da tese e de argumentos; o planejamento prévio: elaboração de texto escrito; a postura; a mobilização de conhecimentos (linguístico, textual, enciclopédico e interacional).

Nesse sentido, os alunos aprenderam e praticaram algumas estratégias, tais como: a estrutura retórica do gênero, na qual os alunos tiveram o conhecimento do gênero e aprenderam a importância dos aspectos linguístico-discursivos para a construção do texto, tanto escrito quanto oral, bem como realizaram análises gramaticais ligadas ao texto, segundo a perspectiva da Análise Linguística. Além disso, os alunos puderam identificar a importância da postura adequada do comentarista para o gênero em questão.

Diante da mobilização dos conhecimentos, especificamente, o conhecimento enciclopédico, como afirmam Koch e Elias (2012), que são os conhecimentos das coisas do mundo trazidos para a sua produção, os alunos utilizam o exemplo do sistema biométrico utilizado em transportes coletivos, como recurso de experiências vividas pelos mesmos.

Quanto à construção da argumentação, os alunos trouxeram novos argumentos que não tinham sido abordados em sala, para a sustentação de sua exposição, como por exemplo: a geração dos corcundas e o sistema biométrico. Além disso, os alunos que se propuseram a realizar a mesa-redonda não tiveram o interesse de planejar previamente suas falas, pois nenhum deles havia produzido o texto escrito, bem como não ensaiaram o seu momento de fala, resultando, assim, na fuga do gênero que seria produzido: a mesa-redonda.

Já as características não-ensináveis identificadas foram: o domínio do jogo de cena; a espontaneidade aliada à formalidade: linguagem sedutora a fim de convencer e o controle do nervosismo.

No que diz respeito ao domínio do jogo de cena enunciativa, é preciso que o aluno, autonomamente, tenha interesse em mobilizá-la com base na fundamentação argumentativa de sua fala. Assim, não compete ao professor lhe mostrar algo que não é categorizável, pois, na cena enunciativa, o emissor se utiliza de estratégias específicas para afetar o seu destinatário. Além disso, também não é ensinável a espontaneidade aliada ao uso formal da língua.

Conforme pudemos perceber na produção dos alunos, eles não conseguiram manter a formalidade estabelecida pelo gênero e não atingiram a mobilização de uma linguagem sedutora, pois, por não ter planejado previamente seus argumentos, não conseguiram convencer o público, haja vista que se pautaram apenas em textos referenciais das aulas, e não em seu material escrito.

Por fim, não conseguimos ensinar o aluno a controlar o nervosismo típico de sua faixa-etária, da pressão psicológica que sofre ao saber que aquela fala vai lhe custar uma pontuação para a matéria e da ausência da prática de textos orais formais em sala de aula. Esta é uma característica que deve ser vencida aos poucos e não bruscamente.

Devido ao fato de que, pelas limitações da instituição de ensino onde a SD foi aplicada, algumas características, mesmo ensináveis, do gênero não terem sido realizadas como deveriam, propomos no item que segue um projeto de letramento que une o ensino do gênero mesa-redonda ao uso de algumas mídias digitais para a transmissão do gênero em uma rádio escolar.

Além disso, espera-se que o trabalho com o projeto de letramento não se limite apenas ao professor de Língua Portuguesa, mas conte com a ajuda de outros professores, de outras disciplinas, bem como alunos de outras turmas para que a “Rádio Escolar” funcione com todos os outros gêneros que são produzidos nele, tais como: músicas, oferecimento, notícias, fofocas, piadas etc.

4.3 Uma proposta de ensino: projeto de letramento envolvendo o gênero mesa-redonda

Para que um projeto de letramento se realize, é preciso que haja a articulação entre os conteúdos escolares e as práticas sociais necessárias para a formação de sujeitos

críticos e ativos. Nesse sentido, a interação entre conhecimentos e gêneros diversos possibilita um trabalho inovador e funcional.

A evolução dos gêneros pode ser acompanhada pela evolução de equipamentos que facilitam o ensino e a aprendizagem de forma interativa. Os alunos, por meio da aquisição de letramentos, podem utilizar tanto as tecnologias quanto as mídias presentes na escola para apreender o uso de gêneros. A nossa proposta consiste em aliar esses elementos em função de uma prática de ensino sistemática.

O objetivo geral do projeto de letramento consiste em desenvolver nos alunos os letramentos textual/discursivo e digital, fazendo com que os alunos tenham o contato com os gêneros orais públicos, tendo em vista a produção de uma mesa-redonda com o tema “As várias faces do preconceito”, inspirados pelos jornais onlines que contam com o gênero.

ETAPAS DO PROJETO:

1. Discussão da temática “As várias faces do preconceito”, em sala de aula.

Texto base: “Preconceitos do mundo moderno”, de Silvana Santos.

Iniciar a aula apresentando o projeto aos alunos e, em seguida, instigá-los na temática a ser trabalhada. Primeiro, perguntar-lhes o que entendem por preconceito; quais os tipos de preconceito que eles já viveram ou presenciaram; além de outras perguntas que podem surgir dentro da temática.

Em seguida, distribuir cópias do texto base: “Preconceitos do mundo moderno” (vide anexo I – Texto 1), de Silvana Santos, realizar a leitura do texto confrontando com o que os alunos disseram.

Após a leitura, o professor construirá, juntamente com os alunos, perguntas para um questionário, para ser respondido por outros alunos da escola e demais professores sobre a temática estudada.

2. Coleta de fontes de informações: questionário aos professores e colegas da escola.

Com o questionário respondido por alunos e professores, discutir como foi a experiência dos alunos ao coletar os dados e que tipo de preconceito visto ou vivenciado foi mais frequente nas respostas.

Em seguida, em conjunto com o professor da disciplina de matemática, construir um gráfico com os dados coletados no questionário.

3. Leitura e discussão temática: preconceito racial, regional e contra o idoso

Nesta etapa, os alunos, após terem coletado quais os preconceitos mais frequentes na vida dos sujeitos colaboradores, estudar três tipos de preconceito: Racial, contra o Idoso e Regional.

Para o primeiro tipo de preconceito (Racial), levar para os alunos duas charges que compõem a temática. Em seguida, apresentar para os alunos a música “Racismo é burrice” (vide Anexo III – Texto 2), de Gabriel o Pensador. Após a leitura das charges e da música, realizar uma atividade de compreensão e interpretação dos textos.

Para o segundo tipo de preconceito, trabalhar o texto “O idoso merece nossa atenção, respeito e carinho” (vide Anexo III – Texto 3), de Getúlio Oliveira, para o qual deve ser realizada uma leitura compartilhada. Em seguida, apresentar o poema “Como se morre de velhice”, de Cecília Meireles (Vide Anexo III – Texto 4), e levantar a discussão sobre o que pode-se fazer para combater o desrespeito contra o idoso.

Para o terceiro tipo de preconceito (regional), focar especialmente o preconceito sofrido pelos nordestinos. Levar para os alunos alguns *prints* (Vide Anexo III – texto 5) de postagens da internet que firam ou agridam os nordestinos. Em seguida, apresentar para os alunos o vídeo: “Discriminação contra nordestino”, de Rachel Sheherazade, que aborda o posicionamento da jornalista contra o preconceito ao povo nordestino. Em seguida, levantar com os alunos uma discussão sobre os textos trabalhados.

Link do vídeo: **Discriminação contra nordestinos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zcd3Y8ICQ4s>. Acesso em março de 2016.

4. Pesquisa, em laboratório de informática, de dados sobre o preconceito: estatísticas de violência, notícias, charges, músicas, crônicas etc.

Após o estudo de textos, levar os alunos ao laboratório de informática, e lá os alunos devem pesquisar sobre notícias contra os preconceitos vistos em sala de aula, estatísticas, leis, entre outros. Neste momento, os alunos devem buscar diversos tipos de textos sobre os temas trabalhados em sala.

5. Aula expositiva, com auxílio de material impresso ou das explicações presentes no Livro Didático para explicar as características do debate.

Neste encontro, mostrar aos alunos todos os aspectos pertinentes para a construção do gênero debate. Explicar para os alunos, através de aula expositiva e apoio do livro didático, a constituição do gênero. Entregar também um esquema impresso (vide Anexo III – quadro 1) para que os alunos compreendam a estrutura do gênero.

6. Debate regrado na sala de aula realizado da divisão da turma em dois grupos: um a favor e outro contra a prática do preconceito.

Em seguida, dividir a turma em dois grupos, um grupo será a favor da prática do preconceito e o outro será contra a prática e, assim, dar início ao debate. Após o término, deve ser feita uma avaliação coletiva sobre o desfecho do evento.

7. Identificação de argumentos utilizados no debate, seguida de explicação sobre conceito de argumentação e suas características linguísticas.

Neste encontro, perguntar aos alunos se os argumentos utilizados na aula anterior foram suficientes para convencer os demais colegas da escola ou da turma.

Após esse momento, a partir de um esquema impresso (vide em Anexo III – quadro 2), explicar, por meio do uso de slides, o conceito de argumentação e suas características linguísticas.

8. Produção inicial: texto argumentativo sobre o tema em estudo.

Neste encontro, após ter trabalhado todos os tipos de argumentos, bem como o poder argumentativo dentro de um texto, seja ele oral ou escrito, os alunos produzirão um texto argumentativo sobre a temática em estudo. Esse texto servirá de base para que os alunos possam produzir o *script* para a produção do gênero mesa-redonda.

9. Leitura (em áudio) de uma mesa-redonda realizada via rádio.

Neste encontro, levar para os alunos uma leitura da mesa-redonda em áudio, em uma reportagem do Jornal CBN online, visto que essa rádio é de circulação nacional. O motivo pelo qual a escolhemos é que temos a pretensão de que esse projeto de letramento possa ser aplicado em qualquer região do país.

Com essa atividade, fazer com que os alunos identifiquem as partes constituintes do gênero através da escuta.

Link do vídeo: <http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/hora-de-expediente/2016/05/10/PODEMOS-CRAVAR-QUE-WALDIR-MARANHAO-E-UM-FANFARRAO.htm>. Acesso em: 10 de maio de 2016.

10. Leitura (em vídeo) de uma mesa-redonda realizada.

Neste encontro, após trabalhar toda a estrutura linguístico-textual do gênero oral mesa-redonda, a partir do texto impresso: “Mesa-redonda”, de Ana Lucia Santana, levar para os alunos a produção de uma mesa-redonda em vídeo para que os mesmos identifiquem no vídeo as etapas consistentes para a construção do gênero.

Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=n09I8ylnOMA>. Acesso em: 09 de maio de 2016.

Considerando-se a extensão do vídeo, o professor deve fazer cortes das parte de maior interesse, ao invés de reproduzi-lo na íntegra.

11. Reescrita da produção inicial, transformando-a em *script* para orientar a fala no momento da produção da mesa-redonda.

Neste encontro, os alunos transformam o texto argumentativo em um *script*. Assim, o professor pode levar para a sala exemplos de *script* como: texto de uma peça teatral, texto de um roteiro jornalístico, entre outros, para que os mesmos possam identificar a constituição do gênero escrito.

Em seguida, orientar os alunos que esse texto servirá como base para a sua produção final da mesa-redonda. Assim, os alunos deverão colocar a saudação, os argumentos e o agradecimento (saudação final).

12. Análises linguístico-textuais dos *scripts* produzidos: adequação à linguagem e às características típicas do gênero em estudo.

Neste encontro, perguntar aos alunos se a linguagem utilizada no texto atinge o objetivo posterior da produção da mesa-redonda; e como poderíamos adequar o texto caso fosse escrito em linguagem não-padrão.

Em seguida, trabalhar o conteúdo gramatical de Regência verbal e nominal, construindo o conceito juntamente com os alunos e levando os alunos a perceberem qual a sua função dentro do texto, especialmente, dentro do seu texto – o *script*.

13. Produção final da mesa-redonda com o uso das tecnologias presentes na escola para transmitir, em tempo real, à comunidade escolar.

Como a própria atividade anuncia, consiste em promover um evento de realização da mesa-redonda na escola. É preciso, assim, que os alunos montem equipamentos na escola para transmissão na rádio escolar.

Nesta última etapa, os alunos poderão usar seus celulares para enviar mensagens com perguntas ou comentários para serem lidos pelo moderador e respondidas ou discutidas pelos comentaristas no momento da transmissão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, pudemos abordar o planejamento e a execução de uma Sequência Didática envolvendo o gênero oral mesa-redonda, em que o ensino era pautado em compreensão e produção deste gênero, levando em conta práticas letradas mobilizadas pelos alunos.

Inicialmente, em relação às estratégias de ensino utilizadas na condução das aulas, concluímos que todas as atividades e tarefas realizadas demonstraram adequar a uma proposta de letramento, haja vista que a participação dos alunos nas aulas era reflexo da dificuldade que tinham em compreender o processo de produção de um gênero oral.

Trabalhar os textos orais tem sido um desafio para muitos que resistem à atuação dos alunos, pelo simples fato conferir-lhes o “poder da palavra”. Com isso, constatamos que o exercício da oralidade precisa estar mais presente na escola. Além disso, muitas dificuldades foram enfrentadas, tais como: a dificuldade de encontrar materiais e suportes para o tratamento do gênero mesa-redonda, tornando o nosso trabalho e o nosso interesse ainda mais forte, por se tratar de uma área ainda tão pouco pesquisada.

A mais importante constatação encontrada foi na produção final dos alunos, que culminaria na execução do gênero mesa-redonda: os alunos produziram uma exposição oral. Este fato não desmerece o trabalho realizado com a SD, pois este último gênero é parte constituinte daquele. Este tipo de confusão entre os alunos se dá pelo contato constante deles com o gênero oral conversação espontânea.

Consideramos, então, que os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II atingiram um nível se não completamente adequado, ao menos satisfatório de competência comunicativa para a produção da exposição oral formal pública, mesmo que o gênero solicitado a eles fosse a mesa-redonda considerando o nível de escolarização e das relações sociais nas quais estão inseridos e das quais participam.

Além disso, os alunos foram capazes de atingir certos graus de letramento:

- No âmbito macroestrutural, os alunos entenderam como funcionava a estrutura do gênero mesa-redonda, pois os mesmos respeitavam a fala do outro, tornando uma exposição tranquila e sem cortes nas falas;
- No âmbito microestrutural, os alunos não conseguiram executar o gênero mesa-redonda devido a falta de preparação para o evento, levando em consideração que os alunos que estavam na produção oral, não

produziram o *script* solicitado na produção escrita, que serviria de suporte para a sua exposição;

Constatamos, por fim, que trata-se não só de estimular esses alunos, mas, principalmente seus professores a agir intermediando o texto escrito e o texto oral, não valorizando um em detrimento do outro, mas firmando suas potencialidades e a relação de extensão recíproca que os configuram, conforme nos propusemos a apresentar na proposta do projeto de letramento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARAÚJO, J. C. **Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- BAKHTIN, M. **Gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 277-326.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.
- BUZATO, M. E. K. **Letramento e Inclusão na Era da Linguagem Digital**. IEL/UNICAMP, Março de 2006. Mimeo.
- FÁVERO, L. L. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 2012.
- GOMES-SANTOS, S. N. **A exposição oral: nos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2012.
- ILBOUDO, Jean-Baptiste. Artigo: **Mesa redonda e debate**. 2003. Disponível em: http://adbissau.adbissau.org/wpcontent/uploads/2011/08/AD_Pub_CadernosRadio_010.pdf Acesso em: 25 jan. 2016.
- KOCH, I. V. **A interação pela linguagem**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- KOCH, I.V e ELIAS,V.M. **Escrita e interação**. In: Ler e escrever: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2012. P. 37-44.
- KLEIMAN, A.B; CENICEROS, R.C E TINOCO, G.A. Projetos de letramento no ensino médio. In: BUNZEN, C. e MENDONÇA, M. **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola, 2013. P. 69-83.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- _____. **Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º graus: uma visão crítica**. 49ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC. Belo Horizonte, julho de 1997.
- MENDES, A.N.N.B. **A linguagem oral nos livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental – 3º e 4º ciclos: algumas reflexões**. 211f. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia. Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C. e ROCA, M. P. **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2011. P. 11-24.

MOREIRA, H. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

PASSERINO, L. M. **Informática na Educação Infantil: perspectivas e possibilidades**. In: ROMAN, E. D.; STEYER, V. E. (Orgs.). *A criança de 0 a 6 anos e a Educação Infantil: um retrato multifacetado*. Canoas: Editora da ULBRA, 2001. Disponível em: <[http:// edu3051.pbworks.com/f/Infoedu-infantil-cap.pdf](http://edu3051.pbworks.com/f/Infoedu-infantil-cap.pdf)>. Acesso em: 02 nov. 2015.

PEREIRA, A. H. N. B. **Informática na educação**. Caderno de Referência de Conteúdo. Batatais: Centro Universitário Claretiano, 2007.

PEREIRA, R. C. M. **Gêneros orais na escola: é proibido fazer silêncio!** In: _____ *Ações de linguagem da formação continuada à sala de aula*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPE, 2010.

RAMOS, J. M. **O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RIBAS, D. **A docência no Ensino Superior e as novas tecnologias**. Revista Eletrônica *Latu Sensu*, ano 3, n. 1, mar. 2008. Disponível em: <http://web03.unicentro.br/especializacao/Revista_Pos/P%C3%A1ginas/3%20Edi%C3%A7%C3%A3o/Humanas/PDF/3-Ed3_CH-Doce%20nciaEns.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2015.

ROCHA, C. A. **Mediações tecnológicas na Educação Superior**. Curitiba: Ibepex, 2009.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROSALES, G. C. M.; MAGALINI, L. M. **Planejamento, execução e avaliação de projetos educacionais**. Caderno de Referência de Conteúdo. Batatais: Centro Universitário Claretiano, 2007.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. et.al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

SILVA, E. O. **Dinâmica Radiofônica e televisiva: vivendo o personagem por um dia**. Simpósio Internacional de Inovação em Educação. 2015.

SILVA, P. S. L. **Palestra na escola: um gênero ensinável?** Campina Grande: UFCG, 164 p. Dissertação (mestrado em Ensino - aprendizagem em Língua e Literatura – programa de pós graduação em linguagem e ensino, Universidade Federal de Campina Grande) Campina Grande, 2011.

XAVIER, A. C. Artigo: **Letramento digital e ensino**. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2016.

ANEXOS

ANEXO I: QUESTIONÁRIO APLICADO À PROFESSORA TITULAR

01) Formação acadêmica. Tem alguma especialização? Qual?

LETRAS. CONCLUINDO ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUÍSTICA E EM ARTES.

02) A formação é um passo essencial para nos tornar profissionais capacitados para o nosso ofício outro ponto importante é a própria experiência. Nesse sentido, você considera q sua formação cumpre suas necessidades essenciais de professora? Em que sentido?

TODOS OS DIAS PRECISAMOS BUSCAR NOS APERFEIÇOAR. O DIA-A-DIA DO PROFESSOR EM SALA DE AULA EXIGE QUE NOS TORNEMOS CIDADÃOS CRÍTICOS E CONSCIENTES E VEJO QUE PRECISO MELHORAR, PRECISO ESTUDAR MAIS. EXISTE UMA DISTÂNCIA ENORME ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA. PRECISO BUSCAR AINDA MAIS MEIOS PARA CHEGAR NOS MEUS ALUNOS DE FORMA EFICAZ DE FORMA A LEVÁ-LOS A APRENDER DE MANEIRA PRAZEIROSA.

03) Sabemos que a experiência conta muito para a nossa formação. Há quanto tempo atua em sala de aula?

TENHO MAIS DE 25 ANOS EM SALA DE AULA.

04) Os gêneros orais assim como os escritos, são bastante importante para o entendimento do aluno com o meio em que vive, assim o que você entende por gêneros orais? Você já trabalhou algum gênero oral em sala de aula?

SIM. REPORTAGEM, NOTÍCIA, EDITORIAL,
TEXTO DE OPINIÃO, RESUMO, SEMINÁRIO,
ENTREVISTAS, CONTAÇÃO DE HISTÓRIA
ETC.

- 05) A tecnologia hoje possibilita que o professor possa tornar as suas aulas mais dinâmicas e atrativas. Você utiliza algum recurso tecnológico em suas aulas? Qual?

NÃO. POR NÃO TER INSTRUMENTOS QUE POSSIBILITE
O TRABALHO

- 06) É preciso que a tecnologia chegue a sala de aula como fonte inovadora e prazerosa de ensino, mais para isso é preciso que a escola tenha recursos que possibilitem esse ensino. A escola dispõe de algum equipamento tecnológico, como: Datashow, computadores entre outros.

DATASHOW PORÉM AINDA NÃO TIVE ACESSO

ANEXO II: NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DA PRODUÇÃO ORAL

Normas para transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras e segmentos	()	Do nível de renda () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/ e reinicia
Entonação enfática	maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	Ao emprestarem... éh::: ...dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-as-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	[A. na [casa da sua irmã B. [sexta-feira
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “o cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma barreira entre nós”...

Fonte: PRETI (1993, p. 15-16)

ANEXO III: TEXTOS-BASE PARA OS ALUNOS

Texto 1

Artigo: Preconceitos do mundo moderno

Silvana Santos

A humanidade caminha sempre ditando padrões e aqueles que não se identificam com eles são normalmente vítimas de preconceito. Este se manifesta de muitas formas, as mais comuns são em relação à raça, religião, opção sexual e condição social.

O preconceito parte sempre de um estereótipo, uma generalização superficial a partir de uma característica, está baseado na aparência e na empatia, ignora a dignidade. Além disso, não está embasado em um conhecimento ou experiência real, mas em uma ilusão, generalização ou crença sem fundamento.

O mais preocupante é que no momento em que vivemos os valores éticos, morais e sociais vêm sendo distorcidos, muitos comportamentos que trazem prejuízos e graves consequências são naturalmente aceitos, como determinar a capacidade de uma pessoa pela sua condição econômica ou não questionar uma injustiça praticada por alguém que possua status.

Em contrapartida, é possível que alguns considerem preconceituoso não aceitar com naturalidade uma traição em um relacionamento, afirmando que "talvez ele (a) esteja insatisfeito, precisando se sentir feliz", como se isso pudesse justificar uma desonestidade ou mentira, apenas porque esse comportamento esta dentro dos padrões aceitáveis.

Pensando sobre essa inversão de valores, gostaríamos de destacar algumas atitudes curiosas e comuns em nossa sociedade que passam despercebidas e agridem gravemente a dignidade humana.

São alguns exemplos: afirmar que todas as pessoas provenientes de uma favela ou de determinados bairros são bandidos, excluir um colega de excelente caráter de um grupo porque ele não usa marcas caras, acreditar que uma pessoa com capacidade de aprender não seja inteligente por não se interessar pelas novas tecnologias, ter total convicção de que todas as pessoas que frequentam igrejas são alienadas, atribuir um salário menor a uma profissional do sexo feminino que substitui um homem.

É claro que todas as formas de preconceito ferem a dignidade humana, mas as "atuais" refletem que inconscientemente estamos criando espaço para a disseminação de comportamentos preconceituosos, e pior, acreditando que avançamos na superação deles. Enquanto a ciência avança na expansão do



conhecimento, a humanidade ainda é regida por padrões sem nenhum fundamento.

O mais interessante é que ao observarmos quem os pratica, descobrimos que muitas vezes são pessoas consideradas "antenadas", que parecem atualizadas, ligadas aos modismos, sabem o que dizem e podem ser imitadas.

Se desejamos uma sociedade mais justa e igualitária, temos que rever nossos valores, pois eles são determinantes de preconceitos.

Diante dessa realidade é importante pensar, entre o ter, o poder e o ser que são três grandes valores orientam nossas escolhas, qual direciona a sociedade atual e qual deles guia a sua vida?

A intolerância é responsável por muitas desavenças, guerras e atrocidades ocorridas na história da humanidade. Jesus Cristo foi vítima de preconceito. O preconceituoso é o intolerante, é aquele que exclui e não sabe se relacionar com o que considera diferente ou menos importante.

Acreditamos que a mudança só é possível através da educação. É necessário ensinar nossas crianças que elas são iguais a todos, nem piores ou melhores, por isso devem respeitar seus semelhantes.

Como afirmou Nelson Mandela: "Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender e se podem aprender a odiar podem ser ensinadas a amar".

Sabemos que as crianças aprendem a partir não só do que dizemos, mas das nossas atitudes. O que estamos ensinando para as novas gerações que condenamos? Com quem elas têm aprendido repudiar as pessoas?

Disponível em: <http://www.odiario.com/opiniao/noticia/329758/preconceitos-do-mundo-moderno/>. Acesso em março de 2016

Texto 2

Charges



Disponível

em: <https://www.google.com.br/search?sa=G&hl=pt&q=charge+sobre+rolezinho&tbm=isch&tbs=simg>
Acesso em março de 2016



Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/igualdaderacialnosus/charges.php>
Acesso em março de 2016

Texto 3

Musica: Racismo é burrice Gabriel o pensador

Salve, meus irmãos africanos e
lusitanos
Do outro lado do oceano
"O Atlântico é pequeno pra nos
separar
Porque o sangue é mais forte que a
água do mar"

Racismo, preconceito e
discriminação em geral
É uma burrice coletiva sem
explicação
Afinal, que justificativa você me
dá
Para um povo que precisa de união
Mas demonstra claramente,
infelizmente
Preconceitos mil
De naturezas diferentes
Mostrando que essa gente
Essa gente do Brasil é muito burra
E não enxerga um palmo à sua
frente
Porque se fosse inteligente
Esse povo já teria agido de forma
mais consciente
Eliminando da mente todo o
preconceito
E não agindo com a burrice
estampada no peito
A "elite" que devia dar um bom
exemplo
É a primeira a demonstrar esse
tipo de sentimento
Num complexo de superioridade
infantil
Ou justificando um sistema de
relação servil

E o povão vai como um bundão
Na onda do racismo e da
discriminação
Não tem a união e não vê a solução
da questão
Que por incrível que pareça está
em nossas mãos
Só precisamos de uma
reformulação geral
Uma espécie de lavagem cerebral

Racismo é burrice

Não seja um imbecil
Não seja um ignorante
Não se importe com a origem ou a
cor do seu semelhante
O que que importa se ele é
nordestino e você não?
O quê que importa se ele é preto e
você é branco
Aliás, branco no Brasil é difícil
Porque no Brasil somos todos
mestiços
Se você discorda, então olhe para
trás
Olhe a nossa história
Os nossos ancestrais
O Brasil colonial não era igual a
Portugal
A raiz do meu país era multirracial
Tinha índio, branco, amarelo, preto
Nascemos da mistura, então por
que o preconceito?
Barrigas cresceram
O tempo passou
Nasceram os brasileiros, cada um
com a sua cor

Uns com a pele clara, outros mais
 escura
 Mas todos viemos da mesma
 mistura
 Então presta atenção nessa sua
 babaquice
 Pois como eu já disse: racismo é
 burrice
 Dê a ignorância um ponto final
 Faça uma lavagem cerebral

Racismo é burrice

Negro e nordestino constróem seu
 chão
 Trabalhador da construção civil,
 conhecido como peão
 No Brasil, o mesmo negro que
 constrói o seu apartamento
 Ou o que lava o chão de uma
 delegacia
 É revistado e humilhado por um
 guarda nojento
 Que ainda recebe o salário e o pão
 de cada dia
 Graças ao negro, ao nordestino e a
 todos nós
 Pagamos homens que pensam que
 ser humilhado não dói
 O preconceito é uma coisa sem
 sentido
 Tire a burrice do peito e me dê
 ouvidos
 Me responda se você discriminaria
 O Juiz Lalau ou o PC Farias
 Não, você não faria isso não
 Você aprendeu que o preto é
 ladrão
 Muitos negros roubam, mas muitos
 são roubados
 E cuidado com esse branco aí
 parado do seu lado
 Porque se ele passa fome

Sabe como é:
 Ele rouba e mata um homem
 Seja você ou seja o Pelé
 Você e o Pelé morreriam igual
 Então que morra o preconceito e
 viva a união racial
 Quero ver essa música você
 aprender e fazer
 A lavagem cerebral

Racismo é burrice

O racismo é burrice, mas o mais
 burro não é o racista
 É o que pensa que o racismo não
 existe
 O pior cego é o que não quer ver
 E o racismo está dentro de você
 Porque o racista na verdade é um
 tremendo babaca
 Que assimila os preconceitos
 porque tem cabeça fraca
 E desde sempre não para pra
 pensar
 Nos conceitos que a sociedade
 insiste em lhe ensinar
 E de pai pra filho o racismo passa
 Em forma de piadas que teriam
 bem mais graça
 Se não fossem o retrato da nossa
 ignorância
 Transmitindo a discriminação
 desde a infância
 E o que as crianças aprendem
 brincando
 É nada mais nada menos do que a
 estupidez se propagando
 Nenhum tipo de racismo - eu digo
 nenhum tipo de racismo - se
 justifica
 Ninguém explica

Precisamos da lavagem cerebral
pra acabar com esse lixo que é
uma herança cultural
Todo mundo que é racista não sabe
a razão
Então eu digo meu irmão
Seja do povão ou da "elite"
Não participe
Pois como eu já disse: racismo é
burrice
Como eu já disse: racismo é
burrice

Racismo é burrice
E se você é mais um burro, não me
leve a mal
É hora de fazer uma lavagem
cerebral
Mas isso é compromisso seu
Eu nem vou me meter
Quem vai lavar a sua mente não
sou eu
É você

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/gabriel-pensador/137000/>. Acesso em: 07/05/16.

Texto 4

Artigo: O idoso merece nossa atenção, respeito e carinho Getúlio Oliveira

A mídia através dos seus veículos de comunicação vem mostrando os crescentes maus tratos que os idosos vêm sofrendo em todo mundo, principalmente no Brasil. Maus tratos que deixa a todos perplexos com tanta crueldade que vem sendo praticado contra as aquelas pessoas que diante de uma enfermidade se acham indefesos e a mercês de pessoas que não estão capacitadas e nem qualificadas para ser um acompanhante de um idoso. Respeito é um direito e dever de todo ser humano independente de sua idade, sexo, raça, crença religiosa e condição socioeconômica.

Como já ouvi dizer, é respeitando que se é respeitado, e acho isto uma grande verdade. Como seres humanos, somos iguais, mas ao mesmo tempo diferentes. Iguais por sermos da mesma espécie, carregarmos constituição genética semelhante, sermos Filhos de um mesmo Pai, como pregam várias religiões. Somos diferentes na personalidade, na aparência física, nos gostos, nas preferências e nas atitudes. O idoso precisa ser respeitado como indivíduo e em suas particularidades, que muitas vezes é vítima de desrespeito, negligência, omissão, ou mesmo violência física e/ou psicológica. Respeitar é aceitar, acolher, amar e querer bem. Falamos que o idoso precisa envelhecer com dignidade, mas devemos ir além: todos nós precisamos viver e envelhecer com dignidade.



Falar em envelhecimento é referir-se aos idosos de hoje e nos colocarmos no lugar de idosos num futuro a curto, médio ou longo prazo. Viver com dignidade é ter sua condição de ser humano respeitado, com qualidade de vida e sem constrangimentos (uso esta palavra num sentido bem amplo, já que muitos ainda enxergam a velhice como caduquice e vergonha em relação ao corpo, à mente e aos pensamentos envelhecidos). Envelhecer com dignidade é ter respeitada a sabedoria que pode ser adquirida com os anos de experiência de vida. O idoso também precisa ter oportunidades: para viver, amar, ser amado e envelhecer com qualidade de vida, independente de estar passando por um processo de envelhecimento bem sucedido ou patológico. E quem pode oferecer estas oportunidades ao idoso?

Todos nós: a sociedade em geral, que respeita e insere o idoso em seu meio, a família que cuida integralmente do idoso e faz esforços por sua qualidade de vida e, principalmente, devemos cobrar das autoridades a concessão destas oportunidades. Para envelhecer bem o idoso precisa de políticas públicas de saúde voltadas para a prevenção, a promoção e a reabilitação da saúde específica para esta faixa etária; precisa ter segurança, acesso à educação, sempre que desejar.

Necessita de uma Previdência que lhe garanta condições para um envelhecimento de qualidade. Enfim, o idoso precisa que lhe concedam uma série de oportunidades que, na

realidade, já seriam dele por direito. Precisamos que todos lutem pelos direitos dos nossos idosos e pelos nossos próprios direitos daqui a uns anos.

Será que somos capazes de lembrarmos desse tempo, quando éramos bem pequeno, eles gastavam horas nos ensinando a usar talheres na refeição. Ensinando a nos vestir, amarrar os cadarços dos sapatos, fechar os botões da camisa, limpando nós quando sujávamos nossas fraldas, ensinando a fazer a nossa higiene pessoal e principalmente os valores morais. Por isso, quando eles ficarem velhos um dia, e seria bom que todos pudessem chegar até aí, (não preciso explicar não é?) quando eles começarem a ficar mais esquecidos e demorarem a responder, não se chateiem com eles, quando eles começarem a se sujar nas refeições, quando as mãos deles começarem a tremer enquanto penteiam os cabelos, por favor, não se apresse! Porque você está crescendo aos poucos, e eles envelhecendo.

Basta sua presença, sua paciência, sua generosidade, sua retribuição, para que os corações deles fiquem aquecidos. Se um dia eles não conseguirem se equilibrar ou caminhar direito, segura firme as mãos deles e os acompanhe bem devagar, respeitando o ritmo deles durante a caminhada, da mesma forma que eles respeitaram o seu ritmo quando lhe ensinaram a andar. Fique perto deles, assim como eles sempre estiveram presentes em sua vida, sofrendo por você, torcendo por você e vivendo por você.

Disponível em: <http://www.vittabella.com.br/noticias>. Acesso em: março de 2016.

Texto 5
Poema: Como se morre de velhice
Cecília Meireles



Como se morre de velhice
ou de acidente ou de doença,
morro, Senhor, de indiferença.

Da indiferença deste mundo
onde o que se sente e se pensa
não tem eco, na ausência imensa.

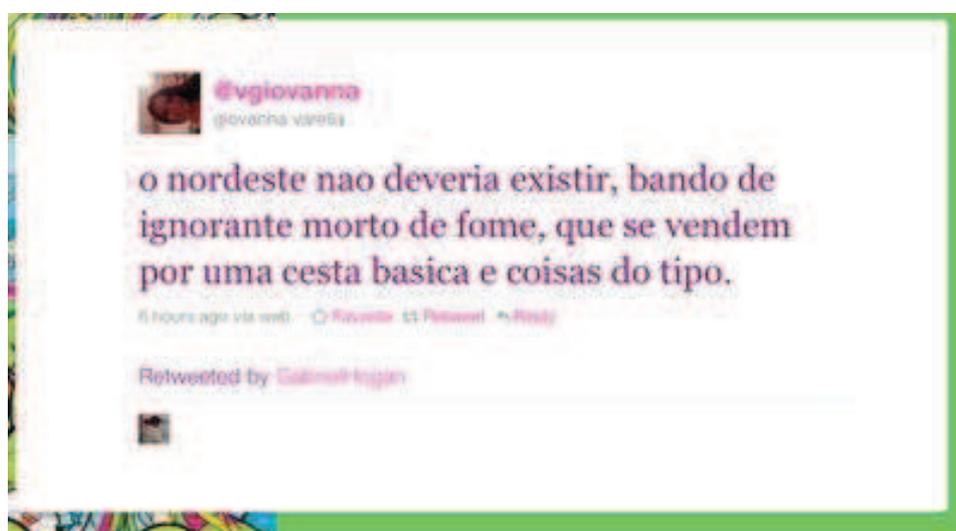
Na ausência, areia movediça

onde se escreve igual sentença
para o que é vencido e o que vença.
Salva-me, Senhor, do horizonte
sem estímulo ou recompensa
onde o amor equivale à ofensa
De boca amarga e de alma triste
sinto a minha própria presença
num céu de loucura suspensa.

(Já não se morre de velhice
nem de acidente nem de doença,
mas, Senhor, só de indiferença.)

Disponível em: <http://www.citador.pt/poemas/como-se-morre-de-velhice-cecilia-meireles> Acesso em março de 2016.

TEXTO 6
PRINTS - PRECONCEITO CONTRA NORDESTINOS



ESQUEMA SOBRE DEBATE

- Os alunos devem escolher o coordenador das atividades;
- Apresentar argumentos para a defesa;
- Respeitar o moderador e aceitar ideias/ argumentos dos outros colegas;
- Aguardar a vez de intervir.

É preciso escolher o moderador do debate, que tem as seguintes funções:

- Inicia o debate;
- Apresenta o tema;
- Dá a palavra aos debatedores;
- Impede o desvio do tema central;
- Encerra o debate, fazendo uma síntese e conclusão;
- Apresenta a avaliação da atividade.

ARGUMENTAÇÃO

Argumentação: é um recurso que tem como propósito convencer alguém, para que esse tenha a opinião ou o comportamento alterado. Sempre que argumentamos, temos o intuito de convencer alguém a pensar como nós. No momento da construção textual, os argumentos são essenciais, esses serão as provas que apresentaremos, com o propósito de defender nossa ideia e convencer o leitor de que essa é a correta. Há diferentes tipos de argumentos e a escolha certa consolida o texto.

Argumentação por citação

Sempre que queremos defender uma ideia, procuramos pessoas ‘consagradas’, que pensam como nós acerca do tema em evidência. Apresentamos no corpo de nosso texto a menção de uma informação extraída de outra fonte.

A citação pode ser apresentada assim:

Assim parece ser porque, para Piaget, “toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire

por essas regras” (Piaget, 1994, p.11). A essência da moral é o respeito às regras. A capacidade intelectual de compreender que a regra expressa uma racionalidade em si mesma equilibrada.

O trecho citado deve estar de acordo com as ideias do texto, assim, tal estratégia poderá funcionar bem.

Argumentação por comprovação

A sustentação da argumentação se dará a partir das informações apresentadas (dados, estatísticas, percentuais) que a acompanham. Esse recurso é explorado quando o objetivo é contestar um ponto de vista equivocado.

Veja:

O ministro da Educação, Cristovam Buarque, lança hoje o Mapa da Exclusão Educacional. O estudo do Inep, feito a partir de dados do IBGE e do Censo Educacional do Ministério da Educação, mostra o número de crianças de sete a catorze anos que estão fora das escolas em cada estado.

Segundo o mapa, no Brasil, 1,4 milhão de crianças, ou 5,5 % da população nessa faixa etária (sete a catorze anos), para a qual o ensino é obrigatório, não frequentam as salas de aula.

O pior índice é do Amazonas: 16,8% das crianças do estado, ou 92,8 mil, estão fora da escola. O melhor, o Distrito Federal, com apenas 2,3% (7 200) de crianças excluídas, seguido por Rio Grande do Sul, com 2,7% (39 mil) e São Paulo, com 3,2% (168,7 mil).

(Mônica Bergamo. Folha de S. Paulo, 3.12.2003)

Nesse tipo de citação o autor precisa de dados que demonstrem sua tese.

Argumentação por raciocínio lógico

A criação de relações de causa e efeito é um recurso utilizado para demonstrar que uma conclusão (afirmada no texto) é necessária, e não fruto de uma interpretação pessoal que pode ser contestada.

Veja:

“O fumo é o mais grave problema de saúde pública no Brasil. Assim como não admitimos que os comerciantes de maconha, crack ou heroína façam propaganda

para os nossos filhos na TV, todas as formas de publicidade do cigarro deveriam ser proibidas terminantemente. Para os desobedientes, cadeia.”

VARELLA, Drauzio. In: Folha de S. Paulo, 20 de maio de 2000.

Para a construção de um bom texto argumentativo faz-se necessário o conhecimento sobre a questão proposta, fundamentação para que seja realizado com sucesso.

Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/redacao/a-argumentacao.htm>.

Acesso em: 09 de maio de 2016.

Texto 7

Mesa Redonda

Ana Lucia Santana

É um encontro entre vários indivíduos unidos em torno de um interesse específico. Durante esta reunião de caráter oral, organizada e orientada por um moderador, é debatida uma temática ou uma matéria por meio de comunicações verbais. Neste agrupamento cada integrante pode expressar seus pensamentos livremente.

A **mesa redonda** tem algumas vezes apenas a pretensão de ampliar conhecimentos, discutir conceitos, criar novas direções para determinadas ideias ao permitir que as pessoas exponham opiniões as mais diversas. Mas em outros momentos ela se transforma em um dispositivo que tem o poder legal de decisão sobre algum tópico importante; nesses casos os participantes têm em mãos a oportunidade de escolher democraticamente o futuro de algo.

Normalmente os membros de uma mesa redonda são criaturas gabaritadas para discorrer sobre determinado tema. O moderador ou coordenador do evento tem a função de dar início à reunião, como nos debates. Ele propõe o assunto que será focado e também apresenta os expositores. Em seguida cada um deles lerá um artigo anteriormente elaborado ou discursará sobre o tópico em questão.

No momento seguinte os convidados defrontam seus pontos de vista e depois cedem espaço para as dúvidas e questões da plateia. Quando o tempo se esgota o

moderador intervém novamente e conclui o encontro, lembrando sempre a importância dos presentes para o desenvolvimento da reunião.

Não se pode esquecer que esta pessoa tem também a obrigação de elucidar o objetivo desta congregação de especialistas e deixar claro quanto tempo cada expositor tem a sua disposição, bem como a duração total da mesa redonda, entre outras atribuições. Quase sempre há o que se costuma chamar de primeira ‘rodada’, durante a qual cada especialista expõe seu trabalho no prazo combinado; do contrário, o coordenador terá a obrigação de frear sua apresentação.

No estágio posterior o público pode finalmente fazer seus questionamentos, seja através de perguntas redigidas em um pedaço de papel e entregues aos monitores, que as encaminharão ao moderador, ou verbalmente, quando se dirige diretamente ao convidado que lhe interessa interrogar.

Em algumas mesas redondas é viável a produção de uma fase de transição, durante a qual os expositores direcionam perguntas uns aos outros e debatem pensamentos discordantes. Só depois são abordados pelos presentes. Mesa Redonda e Painel se distinguem justamente neste ponto.

No painel os convidados discutem apenas entre eles e a plateia só observa o debate, sem poder expressar suas próprias concepções. Trata-se de um encontro entre peritos, os quais comparecem em reduzida quantidade, um organizador e um moderador.

Disponível em: <http://www.infoescola.com/comunicacao/mesa-redonda/>. Acesso em: 09 de maio de 2016.